

Desindustrialização foi autoinfligida Com EUA em franco declínio, Trump agride o mundo com tarifas

HORA DO POVO
ANO XXXV - Nº 3.995 9 a 15 de Abril de 2025



China enfrenta tarifação e desmascara chantagem dos EUA contra o mundo

o que chamou de “Dia da Libertação” dos Estados Unidos, o presidente Donald Trump concretizou na quarta-feira (2) sua ameaça de guerra comercial ao planeta inteiro, estabelecendo uma sobretaxa abrupta e unilateral que começa com 10% sobre as exportações do Brasil, Reino Unido e a maior parte da América Latina, 20% sobre a União Europeia até 34% sobre Índia e 104% sobre a China. Resposta chinesa de 84% sobre os produtos americanos fez Casa Branca escalar guerra comercial para 125% contra Pequim e reduzir sobretaxa de 75 países a 10% por 90 dias. **Página 7**



Israel matou de fome na cadeia brasileiro-palestino de 17 anos



Os protestos foram registrados em 1.100 cidades estadunidenses. Na foto, a manifestação em Boston

A maioria dos brasileiros é contra anistiar criminosos que depredaram os Três Poderes

Segundo pesquisa Quatest, a maioria dos brasileiros manifestou posição contrária a uma possível anistia aos integrantes de grupos fascistas envolvidos nos ataques golpistas e depredações das sedes dos Três Poderes. 56% defendem manter presos os criminosos e apenas 34% querem tirá-los da cadeia. 49% acham que Bolsonaro tramou o golpe e 52% apoiam decisão do STF de torná-lo réu. **Página 3**

Galípolo defende que política de juro no Brasil seja mais dura

Para ele, o Brasil não pode crescer. Quando isso ocorre, “você precisa dar doses maiores do remédio [isso é: o veneno de mais juros]”. **Pág. 2**



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Multidões tomam as ruas nos EUA contra fascismo de Trump

De acordo com os organizadores, manifestações contra política fascista e de corte de direitos ocorreram por todo os EUA. Faixas com dizeres, “Não é meu presidente”, “O fascismo chegou” e “Tire suas mãos da nossa Seguridade Social” deram o tom das manifestações contra o governo. Multidões tomaram as ruas de Washington e de 1.100 cidades dos Estados Unidos no sábado (5) em repúdio ao fascismo de Trump, contra as perseguições e mistiões massivas aplicadas por seu governo. Citadas pelo site Axios, as centenas de entidades estudantis, feministas e de trabalhadores organizadoras do evento assinalaram que “estes foram os maiores protestos desde o regresso do republicano à Presidência no final de janeiro”. **Página 7**

O brasileiro-palestino Walid Khaled Abdallah, de 17 anos, morreu na prisão de Megiddo, em Israel, por fome, desidratação e falta de cuidados médicos, aponta a autópsia revelada pela ONG Defesa das Crianças Palestinas (DCIP, em inglês). Walid Abdallah, cujo pai é brasileiro, foi detido pela polícia israelense na Cisjordânia ocupada em setembro de 2024 por supostamente tê-los agredido. Ele morreu na prisão de Megiddo no dia 22 de março depois de passar mal na prisão, segundo a DCIP. Walid nunca foi denunciado ou julgado. **Pág. 3**

Lula repudia ataque de Israel a refugiados na Faixa de Gaza

O governo Lula condenou o ataque feito por Israel contra uma clínica da Organização das Nações Unidas (ONU) no campo de refugiados de Jabalia, na Faixa de Gaza, que abrigava palestinos deslocados pela guerra. Pelo menos 19 pessoas, incluindo 9 crianças, foram mortas no local. Também condenou Israel por ter matado e jogado em uma vala comum 15 médicos e enfermeiros. **P. 3**

Fome: 69% dos entregadores de comida ganham 1 salário mínimo

Fome, jornadas exaustivas, acidentes constantes, precariedade: essa é a realidade de milhares de entregadores por aplicativos no país, revelada pela pesquisa da ONG Ação da Cidadania, que entrevistou 1,7 mil trabalhadores do Rio de Janeiro e de São Paulo. De acordo com pesquisa, 32% dos trabalhadores sofrem de insegurança alimentar. **Página 5**

Não à independência do BC!

“PEC 65/23 tramita no Senado. É mais do que urgente que o Presidente da República se pronuncie contrariamente a mais esta aventura bolsonarista avançando no interior de sua equipe de governo”

PAULO KLIASS*

Em meio às turbulências causadas pela iniciativa de Donald Trump e seu tarifaço global, algumas iniciativas na política local acabaram passando meio despercebidas dos grandes meios de comunicação. Em especial, causou grande preocupação a manifestação pública do líder do Partido dos Trabalhadores (PT) no Senado Federal, Rogério Carvalho, a favor da PEC 65/23. Trata-se de um documento que foi apresentado ao poder legislativo ainda em novembro de 2023 e que foi protocolado pelo Senador Vanderlan Cardoso (PSD/GO) em conjunto com uma lista extensa de colegas seus, todos do campo conservador.

A matéria foi assinada por parlamentares claramente identificados com o bolsonarismo, a exemplo de Ciro Nogueira (PP/PI), Damascos Alves (REPUBL/DF), Eduardo Girão (NOVO/CE), Flávio Bolsonaro (PL/RJ), Marcos do Val (PODEMOS/ES), Cleitinho (REPUBL/MG), Hamilton Mourão (REPUBL/RS), Sérgio Moro (UNIAO/PR) e Astronauta Marcos Pontes (PL/SP). Além deles, outros políticos da direita também acompanharam o texto, como Esperidião Amin (PP/SC), Rogério Marinho (PL/RN), Alessandro Vieira (MDB/SE), Eduardo Gomes (PL/TO) e Nelsinho Trad (PSD/MS). O elemento que deu a liga necessária para que esse bloco de oposição ao terceiro mandato do Presidente Lula conseguisse tal unidade foi a intervenção do então Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

PEC 65 É INICIATIVA DO BOLSONARISMO!

O indicado por Jair Bolsonaro para comandar a regulação e fiscalização do sistema financeiro já havia conseguido a aprovação de uma legislação a seu favor, quando a Lei Complementar 179/21 avançou no tema da independência do Banco Central e conferiu mandato a todos os diretores da autarquia que haviam sido nomeados pelo Presidente da República que perderia as eleições em outubro de 2022. Não contente com tal golpe legislativo, o neto de Roberto Campos passou boa parte de seu mandato, já com Lula despachando no Palácio do Planalto, a deixar encomendada uma nova armadilha envolvendo o órgão responsável também pela política monetária.

Não é por mero acaso que nenhum membro do Senado que seja identificado com o campo progressista e de esquerda assinou o texto. Afinal, trata-se de uma matéria que fere ainda mais todo e qualquer espírito republicano no trato da coisa pública. O documento foi resultado da articulação de Campos Neto com seus colegas e interlocutores da nata do financismo, assim como havia ocorrido quando da elaboração da proposta do Novo Arcabouço Fiscal (NAF), que terminou sendo encaminhado pelo Ministro Fernando Haddad ao Presidente Lula. Ou seja, trata-se de uma encomenda para consolidar a “independência” do BC, tema esse tão caro às elites do nosso sistema financeiro e que termina sendo corroborado pelos papagaios de pirata de outros setores de nossas classes dominantes.

Apesar disso, o líder do PT no Senado parece se dispor a trabalhar em prol de tal medida, em clara iniciativa a favor do atual presidente do órgão e sem nenhuma preocupação com as consequências que tal alteração provocaria para o futuro do Brasil. Os argumentos de senador sergipano são, a um só tempo, risíveis e trágicos:

(...) “A finalidade é a gente conseguir tornar o Banco Central efetivamente autônomo, seja do governo, mas também do mercado (...) Autonomia de verdade, um instrumento para exercer a autonomia como autoridade monetária: é isso que a gente quer e acho que o Galpólo vai conseguir imprimir e vai ter o apoio nosso para que ele tenha uma autonomia de verdade” (...)

O parlamentar mal consegue esconder seu deslumbramento com o novo comandante do BC e parece apoiar a medida que confere independência ao órgão apenas pelas qualidades que ele considera relevantes no seu ídolo:

(...) “Ele tem uma cabeça matemática, ele consegue administrar as variáveis e saber como essas variáveis vão estar daqui a um mês, daqui a 60 dias, daqui a um ano, como um conjunto delas vai interagir para produzir um resultado. É uma mente matemática, uma mente preditiva” (...)

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/nao-a-independencia-do-bc-por-paulo-kliass/>

*Paulo Kliass é doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal.

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo - SP
E-mail: inc24agosto@gmail.com
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovo@yaho.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Uttinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

Política de juro no Brasil tem que ser mais dura, defende Galpólo



Juros seguem sangrando o país: R\$ 78,3 bilhões só em fevereiro

São 13,1 bi a mais do que o mesmo mês de 2024 (R\$ 65,2 bi) de recursos públicos transferidos a bancos e demais rentistas, via pagamento de juros

O gasto do setor público consolidado (União, Estados/município e estatais) com o pagamento de juros atingiu R\$ 924,0 bilhões (7,78% do PIB), no acumulado em doze meses até fevereiro de 2025. Um aumento de R\$ 177,1 bilhões frente ao que foi gasto para o mesmo período de meses de 2024.

Em fevereiro, a gastança com os juros somou R\$ 78,3 bilhões, o que é 13,1 bilhões a mais do que foi transferido do Orçamento - via o pagamento de juros da dívida - a bancos e rentistas, no mesmo mês de 2024 (R\$ 65,2 bilhões).

“Contribuíram para essa evolução o aumento da taxa Selic” (taxa de juros básica da economia), diz o BC.

O gasto com os juros, em 12 meses, supera em léguas os R\$ 233 bilhões previstos em investimentos mínimos em ações e serviços públicos de saúde, no Orçamento de 2025, aprovado pelo Congresso Nacional este ano, mas que ainda depende da sanção presidencial para entrar em vigor.

Também é maior para o que está previsto para a Educação, R\$ 167 bilhões, do Bolsa Família (R\$ 160 bilhões) e o que o governo federal tem livre para investir este ano (89,4 bilhões), o que é um pouco acima do piso de 0,6% do PIB - Produto Interno Bruto brasileiro.

Na semana passada, deputados repudiaram a recente decisão do Comitê de Política Monetária (Copom),

de elevar a Selic em 1 ponto percentual, de 13,25 para 14,25% ao ano, em sessão solene pelos 60 anos do BC, com a participação do presidente do Banco Central, Gabriel Galpólo, na Câmara.

O deputado Mauro Benevides Filho (PDT-CE) alertou que a decisão de aumentar os juros tem forte impacto no crescimento da dívida pública. “Em dezembro de 2024, o Congresso Nacional cortou R\$ 49 bilhões de despesas, mas no mesmo dia o Banco Central aumentou a Selic em 1 ponto e fez o ‘forward guidance’ (orientação sobre o que esperar da política de juros futuramente) de mais 2 pontos. Isso acabou representando R\$ 150 bilhões a mais na dívida”, criticou Benevides Filho.



Arrocho monetário derruba produção industrial em São Paulo, Minas e Rio

A produção industrial brasileira recuou em 7 dos 15 locais pesquisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no mês de fevereiro em relação a janeiro, período que o setor registrou queda de -0,1%. Foram cinco meses seguidos de queda na produção, com perda de 1,3% desde outubro de 2024. A última vez que isso ocorreu foi entre fevereiro e julho de 2015, quando a perda acumulada foi de 6,7%.

Bahia (-2,6%) assinou o recuo mais acentuado e interrompeu dois meses consecutivos de taxas positivas, período em que acumulou ganho de 5,2%. Ceará (-1,0%), São Paulo (-0,8%), Santa Catarina (-0,6%), Mato Grosso (-0,6%), Rio de Janeiro (-0,3%) e Minas Gerais (-0,2%) completaram o conjunto de locais com índices negativos em fevereiro de 2025.

O recuo de São Paulo, maior parque industrial do país, “ocorre após alta de 1,8% observada em janeiro de 2025. Em fevereiro, as principais influências foram os setores de deriva-

dos de petróleo, produtos químicos, de bebidas e o setor de celulose, papel e produtos de papel. O que podemos observar é que a indústria paulista apresenta um comportamento bem oscilante quando observamos os últimos meses, demonstrando perda de ritmo e intensidade na produção, assim como a indústria como um todo, apesar de ter seus avanços no período”, avalia Bernardo Almeida, analista da pesquisa do IBGE.

São Paulo representa quase um terço (32,9%) do parque industrial nacional, seguido pelo Rio de Janeiro (18,9%) e Minas Gerais (10,5%). Os dados constam da Pesquisa Industrial Mensal Regional (PIM Regional), divulgada nesta terça-feira (8) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Bernardo Almeida destaca a perda de intensidade na produção industrial, influenciada pela arrocho monetário imposto pelas altas taxas de juros pelo Banco Central.

“De forma geral, há uma perda de intensidade na produção industrial, in-

fluenciada por uma política monetária contracionista, com aumento dos juros, com o objetivo de combater a inflação. Isso acaba estreitando mais as linhas de crédito, reduzindo os investimentos e fazendo com que as tomadas de decisão na produção sejam mais cautelosas. Pelo lado da demanda, esse cenário também impacta de forma negativa o consumo das famílias”, ressaltou Bernardo Almeida.

Pelo lado da expansão, Pernambuco com 6,5% foi a mais elevada do mês e eliminou parte da queda de 25,1% verificada em janeiro de 2025. Paraná (2,0%), Pará (1,6%), Espírito Santo (1,1%), Amazonas (0,9%), Região Nordeste (0,5%), Rio Grande do Sul (0,5%) e Goiás (0,2%) completam a lista com resultados positivos.

Na comparação com fevereiro de 2024, a indústria nacional subiu 1,5% em fevereiro de 2025, com cinco dos dezoito locais pesquisados apontando resultados positivos. Nesse mês, Santa Catarina (6,0%), Paraná (5,5%) e Pará (5,1%) assinalaram os avanços mais intensos.

Para o presidente do Banco Central, o Brasil não pode crescer. Quando isso ocorre, “você precisa dar doses maiores do remédio [isso é: aumentar mais os juros] para conseguir o mesmo efeito”

O presidente do Banco Central, Gabriel Galpólo, defendeu a manutenção dos juros altos, afirmando que “a política monetária no Brasil precisa ser mais dura que a de outros países”. A declaração feita durante as comemorações dos 60 anos do Banco Central, na Câmara dos Deputados, ocorreu em resposta às críticas de parlamentares, que repudiaram a recente decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de elevar a taxa Selic em 1 ponto percentual, para 14,25% ao ano.

Na sessão solene pelos 60 anos do BC, realizado na terça-feira (1/4), no plenário da Câmara, Galpólo disse que “a economia brasileira vem apresentando, ou apresentou recentemente, a queda mais rápida da sua taxa de desemprego e a menor taxa de desemprego da série histórica”, além de “um dos maiores crescimentos do rendimento das famílias”. Para ele, esses fatores atrapalham a política monetária.

“Você precisa dar doses maiores do remédio [isso é: aumentar mais os juros] para conseguir o mesmo efeito”, declarou Galpólo, ao tentar rebater críticas de deputados, que no evento exigiram a redução dos juros altos para que a economia não retorne ao estado de recessão.

Entre outros fatores, o BC justifica que precisa combater - via o aumento da Selic - a inflação, que segundo Galpólo vem sendo causada por um suposto aumento da demanda. No entanto, a atual pressão inflacionária do Brasil tem entre os seus principais fatores o aumento de preços administrados e das altas pontuais de alguns preços de commodities agrícolas e de energia no mercado internacional. Ou seja, por situações que não podem ser afetadas pela política monetária do BC.

O deputado federal Mauro Benevides Filho (PDT-CE) alertou que a decisão de aumentar os juros impacta no crescimento da dívida pública. “Em dezembro, o Congresso Nacional cortou R\$ 49 bilhões de despesas, mas no mesmo dia o Banco Central aumentou a Selic em 1 ponto e fez o ‘forward guidance’ (orientação sobre o que esperar da política de juros futuramente) de mais 2 pontos. Isso acabou representando R\$ 150 bilhões a mais na dívida”, afirmou Benevides Filho, ao ressaltar que desde 1999 os resultados primários foram insuficientes para reduzir a dívida pública, que responde à taxa Selic.

“Desde 1999, quando foi instituído o tripé macroeco-

nômico, de lá para cá, nunca se teve um resultado primário capaz de pagar os juros da dívida pública. Mesmo nos anos que eram positivos, nunca existiu. Então tem alguma coisa no modelo que precisa ser examinado”, defendeu Benevides.

“PAREM DE MENTIR”

O deputado Luiz Carlos Hauly (Pode-PR) exigiu que os diretores do BC: “parem de mentir para o povo brasileiro que a culpa é do déficit público! Não é. O déficit público do ano passado foi mínimo. Os Estados Unidos foi dez vezes maior, contra 5% de juros”.

“Na média dos bancos centrais do mundo e dos principais pontos de análise macroeconômico dos países, o Brasil não merece pagar 14,25% de juros, enquanto os Estados Unidos pagam 5,5%. Enquanto a média da OCDE é mais baixa ainda. E vou dizer do porquê, a nossa inflação média, no ano passado, foi 5%. O OCDE, 4,5%. Estados Unidos, 2,2%. Nossa dívida pública é de 76% do PIB, bruta. A média da OCDE, 84%. Estados Unidos, 124%”, lembrou o parlamentar. “Déficit fiscal, o do Brasil foi de 0,9%, em 2024. O da OCDE foi 3,4%. Nos Estados Unidos, o déficit foi de 8% do PIB”, sentenciou.

“Eu não tenho o que comemorar com o Banco Central”, afirmou o parlamentar. “Se não sair dessa manipulação de taxa de juros com base na inflação. Desde o plano real, a inflação média do Brasil é 6%. Onde está o problema?, questionou Carlos Hauly, ao denunciar que a manutenção da taxa de juros em níveis escombrosos “aumenta o custo das empresas brasileiras e do preço dos bens e serviços, tanto interno quanto na exportação, e encarece a vida do brasileiro”.

Já o deputado Heitor Schuch (PSB-RS) apelou para que o BC pudesse “dar uma reduzida nessa taxa de juros”. “Na semana passada teve a maior feira da agricultura familiar do Brasil, em Rio Pardo (RS). Não deu um negócio, porque ninguém se atreve a comprar uma máquina, por menor ou maior que seja, pagando 15% de juros. A indústria de máquinas vai parar e dos equipamentos agrícolas também. Porque o agricultor pode não ter muito estudo, mas sabe fazer conta e não quer ficar devendo para ninguém. E a grande maioria dos nossos agricultores gaúchos, porque plantaram cinco vezes e não colheram, estão endividados”, disse o parlamentar, ao destacar que seu estado foi bastante afetado por problemas climáticos nos últimos anos.

Em março, custo da cesta básica sobe em 14 capitais

Preço em SP foi o maior entre todas as 17 cidades, comprometendo 63% do salário mínimo, segundo Dieese

Seguindo a tendência do início do ano, o preço médio da cesta básica voltou a crescer na maior parte das capitais em março. De acordo com a pesquisa mensal divulgada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o conjunto de produtos que compõe a cesta subiu em 14 das 17 capitais pesquisadas entre fevereiro e março, com destaque para altas em Curitiba (+3,61%), Florianópolis (+3%), Porto Alegre (+2,85%), São Paulo (+2,35%) e Rio de Janeiro (+2,30%).

São Paulo continua figurando como a capital mais cara do país, onde a cesta básica custava em março, em média, R\$ 880,72 após o aumento. Rio de Janeiro (R\$ 835,50), Florianópolis (R\$ 831,92) e Rio Grande do Sul (R\$ 791,64) vem na sequência. Os menores valores mensais foram registrados em Aracaju (R\$ 569,48), João Pessoa (R\$ 626,89), Recife (R\$ 627,14) e Salvador (R\$ 633,58), cidades onde a composição da cesta é diferente.

O preço do café continuou exercendo pressão sobre o orçamento das famílias, tendo subido em todas as capitais, com variações entre 3,92% em São Paulo e 14,48% em Belém. Em 12 meses, todas as 17 ca-

pitais também apresentaram taxas positivas, com destaque para Goiânia (134,38%), Brasília (125,29%) e Vitória (116,28%). O tomate e o leite integral também tiveram participação importante no preço da cesta em março.

O Dieese também comparou o preço da cesta entre março de 2024 e março de 2025, mostrando que todas as capitais tiveram alta de preço, com variações entre 1,83%, em Porto Alegre, e 9,69%, em Fortaleza.

Trabalhador compromete mais de 60% do salário apenas com a cesta básica. Levando em conta a cesta mais cara (São Paulo) e o salário-mínimo vigente de R\$ 1.518, um trabalhador remunerado pelo piso comprometerá em março 62,72% de sua renda líquida (descontada a Previdência) apenas com a cesta básica, calcula o Dieese.

Conforme estimado mensalmente pela entidade, o salário mínimo atual deveria ser de R\$ 7.398,94 - ou 4,87 vezes o valor atual - para que cumprisse a determinação constitucional que estabelece que o salário deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência.

Lula repudia ataque de Israel contra os refugiados de Gaza



Agência Brasília

Golpistas destruíram tudo pela frente
Maioria dos brasileiros são contra anistiar criminosos que depredaram os Três Poderes

Segundo pesquisa Quaest, divulgada no domingo (6) pelo jornalista Lauro Jardim, do jornal O Globo, a ampla maioria dos brasileiros manifestou posição contrária a uma possível anistia aos integrantes de grupos fascistas envolvidos nos ataques golpistas e depredações das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023. O resultado enfraquece a manifestação bolsonarista deste domingo que pretende que os criminosos sejam soltos.

O levantamento mostrou que 56% dos entrevistados defendem que os participantes das invasões às sedes dos Três Poderes devam continuar presos, cumprindo suas penas. Apenas 34% manifestaram concordância com a ideia de que essas pessoas não deveriam ter sido detidas ou que já estão encarceradas há tempo demais. O levantamento foi realizado entre os dias 27 e 31 de março com 2.004 entrevistados em todo o território nacional.

O resultado da pesquisa mostra que os políticos bolsonaristas que estão participando desta campanha estão se desgastando no conjunto da sociedade brasileira. Os brasileiros viram assustados a truculência das hordas durante a invasão do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Palácio do Planalto. Sem alternativas, esses políticos tentam viabilizar a candidatura de Bolsonaro em 2026, mas este está inelegível e deverá ser preso, acusado de tramocar o golpe de Estado e atentar contra a vida de autoridades.

Até entre eleitores de Bolsonaro há resistências à anistia aos depredadores. Ente esses eleitores, 32% defendem a manutenção das prisões. 36% acreditam que ninguém deveria ter sido preso, e 25% acham que os detidos já deveriam estar em liberdade.

Para 49% dos entrevistados, Bolsonaro participou do plano golpista, enquanto 36% disseram acreditar que ele não teve envolvimento. A diferença amplia-se quando considerados os eleitores de Lula e de Bolsonaro: 79% dos eleitores de Lula acham que o ex-presidente esteve envolvido, ao passo que apenas 12% dos bolsonaristas compartilham dessa opinião. Além disso, 52% consideram justa a decisão do Supremo Tribunal Federal de torná-lo réu no inquérito que investiga a tentativa de golpe, enquanto 36% avaliam essa medida como injusta.



Eyad Baba/AFP

Bombardeio cruel de Israel contra campo de refugiados deixa milhares sem teto

Governo de Israel matou de fome na cadeia brasileiro-palestino de 17 anos

O brasileiro-palestino Walid Khaled Abdallah, de 17 anos, morreu na prisão de Megiddo, em Israel, por fome, desidratação e falta de cuidados médicos, aponta a autópsia revelada pela ONG Defesa das Crianças Palestinas (DCIP, em inglês).

Walid Khaled Abdallah, cujo pai é brasileiro, foi detido pela polícia israelense na Cisjordânia ocupada em setembro de 2024 por supostamente tê-lo agredido.

Ele morreu na prisão de Megiddo no dia 22 de março depois de passar mal no jardim da prisão, segundo a DCIP. Walid nunca foi denunciado ou julgado.

Os exames feitos depois da morte indicam que “Walid sofria de extrema perda de massa muscular e gordura corporal, evidenciada

por um abdômen afundado, de acordo com um médico que compareceu à autópsia em nome da família”.

Walid Khaled Abdallah ainda estava com um corte no pescoço.

O diretor da DCIP Ayed Abu Eqtaish declarou que “a autópsia de Walid indica que os guardas da prisão israelenses o deixaram passar fome e abusaram dele sistematicamente por meses até que ele finalmente desmaiou, bateu a cabeça e morreu”.

“A morte de Walid não foi um acidente — é um crime e a comunidade internacional deve intervir imediatamente para aplicar sanções contra o governo israelense para forçar a responsabilização”, afirmou.

“A fome é uma ferramenta de genocídio, buscando enfraquecer

e, finalmente, destruir tanto o corpo quanto o espírito de crianças palestinas detidas em prisões israelenses”, continuou.

O relatório da autópsia registra que Walid estava passando por uma “extrema” e “provavelmente prolongada desnutrição”. Além disso, o jovem de 17 anos também estava com uma inflamação intestinal, que causou diarreia e desidratação grave.

Quando esteve na clínica da prisão, em dezembro, ele relatou que os presos estavam passando fome.

A ONG Defesa das Crianças Palestinas avalia que as condições nas prisões israelenses pioraram “seriamente” desde o começo da guerra, ao mesmo tempo que Israel restringiu o acesso e proibiu visitas familiares.

Bolsonaro diz ter esperança “que venha alguma coisa de fora para cá”, referindo-se aos EUA

Jair Bolsonaro mentiu em seu discurso no ato realizado na avenida Paulista na tarde do domingo (6) ao dizer que a maioria do povo brasileiro é a favor da anistia para os criminosos que invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes. Pesquisa Quaest, divulgada neste mesmo dia, afirma o contrário, que 52% dos brasileiros são contra a anistia.

Depois de muitos ataques de seus seguidores aos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), Jair Bolsonaro, que é réu por tentativa de golpe, também atacou a Justiça brasileira e defendeu a intervenção do governo americano no Brasil. “Tenho esperança que venha alguma coisa de fora para cá”, disse ele, referindo-se ao governo dos Estados Unidos.

Ele disse isso ao referir-se à presença de seu filho, Eduardo Bolsonaro, nos EUA. Bananinha, como é conhecido Eduardo Bolsonaro, foi para os EUA para articular ataques do governo americano ao Brasil. Bolsonaro também elogiou Donald Trump — mesmo este tendo sobretaxado os produtos brasileiros — e defendeu que o Brasil se transforme num regime como o de El Salvador, que ofereceu a Trump cadeias do país para prender imigrantes de outros países.

Em seguida, o ex-presidente, que está inelegível por tentativa de golpe de Estado —

um golpe que redundaria no assassinato de autoridades — tergiversou sobre o 8 de janeiro, dizendo que os invasores das sedes dos Três Poderes eram pobres inocentes, eram pipoqueiros e sorvedeiros que, por acaso, estavam em Brasília naquele dia.

Defendeu os grupos de depredadores que vandalizaram Brasília, chamando-os de pessoas humildes e pacatas que estão sendo injustiçadas pelo STF. Repetiu a lorota de que não estava preparando golpe nenhum. Que só estava fazendo “consultas”, referindo-se a reuniões com embaixadores e outras. Não rebateu em momento nenhum o que seu ex-ajudante de ordem, tenente-coronel Mauro Cid, revelou à Polícia Federal. Só disse que ele foi ameaçado e tentou desqualificar a ação da PF.

Bolsonaro fez um balanço completamente esquizofrênico de seu governo. Mentiu que nele o Brasil estava no pleno emprego. Mentira cinica. Na realidade, seu governo foi o período em que o desemprego atingiu altos índices. Eram 13 a 14 milhões de desempregados. Mentiu também dizendo que defendeu as estatais, quando, na verdade, vendeu a Eletrobrás a preço de banana e fatiou a Petrobrás para entregá-la aos pedaços. Se isso é defender as estatais, imaginem o que seria atacá-las.

Depois desse deva-

neio e desse delírio sobre sua administração, ele voltou a insinuar que a eleição de 2022 teria sido manipulada. Falou de uma “mão forte” que causou a sua derrota nas urnas. É verdade, houve uma mão forte do povo contra o seu governo. Ele também voltou com a conversa surrada e fiada de que tem que haver apuração pública dos votos, etc. Os velhos ataques às urnas eletrônicas.

Antes dele, o pastor Silas Malafaia só faltou dizer que as pessoas que estavam no 8 de janeiro, depredando Brasília, eram freiras, pastores, santos ou sabe-se lá o que. Fez demagogia com a pichação da estátua da Justiça com batom, como se os fascistas que tomaram Brasília naquela tarde fossem doces donas de casa.

Depois de xingar o presidente da República e o ministro Alexandre de Moraes, Malafaia ameaçou a Justiça na questão da prisão de Bolsonaro. Insufinou os presentes a se rebelarem contra a decisão dos juízes.

Michelle Bolsonaro abusou da presença de evangélicos, maioria dos que compareceram ao ato. Aliás, não podia ser diferente, afinal o ato na Paulista foi todo organizado pelo pastor Malafaia. Michelle comparou Bolsonaro a personagens bíblicos e defendeu os criminosos que invadiram e destruíram as sedes dos poderes da República.

Governo do presidente ainda disse ter ficado “consternado” com a notícia de que o regime fascista de Israel jogou 15 trabalhadores de órgão humanitários em uma vala comum

O governo Lula condenou o ataque feito por Israel contra uma clínica da Organização das Nações Unidas (ONU) no campo de refugiados de Jabalia, na Faixa de Gaza, que abrigava palestinos deslocados pela guerra. Pelo menos 19 pessoas, incluindo 9 crianças, que estavam no local foram mortas.

O documento divulgado pelo governo ainda disse ter ficado “consternado” com a notícia de que Israel jogou em uma vala comum 15 trabalhadores de órgãos humanitários, como o Crescente Vermelho, a Defesa Civil e a Agência da ONU de Assistência para Refugiados da Palestina (UNRWA).

Na quarta-feira (2), Israel bombardeou o campo de refugiados de Jabalia matando mais de 40 pessoas. No local, que antes era uma clínica, a UNRWA abrigava palestinos que tiveram que sair de suas casas por conta dos bombardeios israelenses.

“O Brasil recorda as obrigações do governo de Israel, conforme o Direito Internacional Humanitário, em atuar com base nos princípios da proporcionalidade e da distinção entre civis e combatentes e de tomar as medidas necessárias para proteger a população civil no território palestino ocupado”, registra a nota do governo Lula.

“Exorta, ainda, aquele país a assegurar a integridade física e a liberdade de movimento de todo o pessoal humanitário atuante na Palestina”.

“O governo brasileiro renova seu apelo em favor do urgente restabelecimento do cessar-fogo e da retomada da entrada de ajuda humanitária na Faixa”.

É muito bom exortar Israel, mas está mais do que óbvio que o governo fascista daquele protetorado dos EUA quer é aniquilar a população palestina, fazer uma limpeza étnica no local.

Na semana passada, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil afirmou que Israel viola o Direito Internacional Humanitário ao manter presos 11 brasileiros que moravam na Palestina sem que eles tenham sido acusados ou julgados.

“Onze brasileiros residentes no Estado da Palestina seguem presos em Israel, a maioria dos quais sem terem sido formalmente acusados ou julgados, em clara violação ao Direito Internacional Humanitário”, disse o Itamaraty em nota.

O Ministério falou ter recebido com “profunda consternação” a informação de que o brasileiro Walid Khalid Abdallah Ahmad, de 17 anos, morreu dentro da prisão israelense de Megiddo.

“As circunstâncias e a data exata do óbito ainda não foram esclarecidas”, continuou o Itamaraty.

“O governo brasileiro solidariza-se com os familiares e amigos do nacional e transmite sinceras condolências, ao tempo em que continuará a exigir do governo de Israel as explicações necessárias acerca da morte do menor”.

O corpo consular do Brasil na Palestina está auxiliando a família a, entre outras coisas,

AGU aciona PF contra deputado bolsonarista que pretende que “Lula morra mesmo”

A Advocacia-Geral da União (AGU) pediu à Polícia Federal e à Procuradoria-Geral da República (PGR) que tomem medidas, como uma investigação criminal, contra o deputado Gilvan da Federal (PL-ES) por ter falado que quer “que o Lula morra” e “vá para os quintos dos infernos”.

A AGU apontou que Gilvan cometeu os crimes de incitação ao crime e ameaça.

Gilvan da Federal, durante uma sessão da Comissão de Segurança da Câmara, defendeu a morte de Lula e o projeto que veta o uso de armas de fogo pela segurança presidencial, admitindo que essa é uma forma de tornar mais fácil o assassinato do presidente.

“Eu quero mais que o Lula morra! Quero que ele vá para

resgatar o corpo de Walid para que seja realizado o funeral.

“Em linha com suas obrigações internacionais, o governo israelense deve conduzir investigação célere e independente acerca das causas do falecimento, bem como dar publicidade às suas conclusões”.

A prisão de Megiddo foi denunciada pelo jornal israelense Haaretz por ser um local onde os israelenses praticam torturas contra os palestinos.

O Centro Israelense de Informações para Direitos Humanos nos Territórios Ocupados B’Tselem colheu o depoimento de 55 palestinos que confirmam torturas que vão desde agressões até negligência médica e privação de alimentos.

A suspeita é de que Walid Khalid morreu por negligência médica, uma vez que, segundo a Comissão de Assuntos de Prisioneiros e Detentos Palestinos, da Autoridade Palestina, o jovem tinha sarna e desintéria amebiana.

Ele foi preso em 30 de setembro de 2024 por, supostamente, ter agredido soldados israelenses na Cisjordânia ocupada. Inicialmente esteve detido em Huwwara, mas depois foi levado para Megiddo.

Leia a nota do Itamaraty na íntegra:

Morte de adolescente brasileiro em prisão israelense

O governo brasileiro tomou conhecimento, com profunda consternação, da morte do cidadão brasileiro Walid Khalid Abdallah Ahmad, de 17 anos, na prisão israelense de Megiddo. O adolescente, residente da Cisjordânia, no Estado da Palestina, fora detido em 30 de setembro de 2024 na Palestina ocupada, e levado por forças israelenses à prisão de Megiddo, em território israelense.

As circunstâncias e a data exata do óbito ainda não foram esclarecidas.

Em linha com suas obrigações internacionais, o governo israelense deve conduzir investigação célere e independente acerca das causas do falecimento, bem como dar publicidade às suas conclusões.

Onze brasileiros residentes no Estado da Palestina seguem presos em Israel, a maioria dos quais sem terem sido formalmente acusados ou julgados, em clara violação ao Direito Internacional Humanitário.

O Escritório de Representação do Brasil em Ramala, no Estado da Palestina, está em contato com a família de Walid Khalid Abdallah Ahmad e está prestando a assistência consular cabível.

O governo brasileiro solidariza-se com os familiares e amigos do nacional e transmite sinceras condolências, ao tempo em que continuará a exigir do governo de Israel as explicações necessárias acerca da morte do menor.

O quinto dos infernos, é um direito meu. Não vou dizer que eu vou matar o cara, mas eu quero que ele morra, que vá para o quinto dos infernos”, declarou o bolsonarista envolto por uma bandeira do Brasil.

“Nem o diabo quer o Lula, por isso que ele está vivendo aí. Superou o câncer. Tomara que ele tenha uma taquicardia! Porque nem o diabo quer a desgraça desse presidente que está afundando o país. Quero mais que ele morra mesmo”, completou.

A Comissão de Segurança aprovou, na terça-feira (8), o projeto de lei (PL) do qual Gilvan é relator. O texto é de autoria de Paulo Bilynskyj, deputado que já exaltou a participação de seu avô no exército nazista de Adolf Hitler. O PL ainda precisa passar pelo plenário da Câmara.

Bolsonaro apoia tarifaço de Trump contra o Brasil

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) manifestou, na quarta-feira (2), apoio ao “tarifaço” do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em mensagem no X, horas antes do anúncio das novas tarifas do governo estadunidense, no chamado “Dia da Libertação”.

Em clara manifestação de viralatismo e subserviência de Bolsonaro, que é aliado de Trump, aproveitou o tema para criticar o governo do presidente Lula (PT).

“Eventual guerra comercial com os EUA não é uma estratégia inteligente e que preserve os interesses do povo brasileiro”, escreveu Bolsonaro no X. “A única resposta razoável à tarifaço recíproca dos EUA é o governo Lula extinguir a ‘mentalidade socialista’, que impõe grandes tarifas aos produtos americanos, inviabilizando o povo brasileiro de ter acesso a produtos de qualidade mais baratos”.

Bolsonaro prosseguiu no servilismo: Trump “está apenas protegendo o seu país deste vírus socialista” e que “dobrar a aposta e escalar a crise”, com o segundo maior parceiro comercial do Brasil “não é uma resposta sábia”, escreveu.

O governo Lula tem apostado em negociações, mas os resultados ainda são incertos. Nesta terça-feira (1º), o Senado aprovou por unanimidade o cha-

mado PL da Reciprocidade — PL 2.088/23 —, que autoriza o governo brasileiro a impor medidas comerciais contra países que determinem barreiras aos produtos do Brasil no mercado global, como a dos EUA.

Bolsonaro escreveu ainda que, em 2019, quando estava na Presidência, teve sucesso ao negociar com o homólogo estadunidense, no momento em que os EUA impunham tarifas sobre o aço.

Segundo o ex-presidente, as taxações não foram aplicadas ao produto brasileiro “graças ao diálogo” com Trump e às “relações diplomáticas sólidas” construídas em sua gestão.

Bolsonaro não desenvolveu, com nenhum país, “relações diplomáticas sólidas”. Trata-se de bolsonarice do ex-presidente. Na gestão dele, por série de motivos, o Brasil foi considerado país pária. Nos poucos encontros em que o ex-presidente participou deu vexame e ficou isolado. As relações diplomáticas do Brasil “andaram para trás”.

Apesar de aliados sugerirem que a identificação entre ambos ajudou o Brasil, Bolsonaro afirmou que a diferença foi que seu governo teve “política externa bem conduzida, com os pés no chão e voltada para os interesses nacionais” e negou motivações ideológicas.

Renato Rabelo: uma trajetória de luta por um Brasil soberano e socialista

Biografia “Renato Rabelo – Vida, Ideias e Rumos”, de autoria de Osvaldo Bertolino, foi lançada em celebração da vida do dirigente do Partido Comunista do Brasil

A história e a vida do dirigente comunista Renato Rabelo foram celebradas na noite desta segunda-feira (07) na cidade de São Paulo. “Um protagonista da construção do pensamento de um Brasil soberano, justo e desenvolvido”, conforme sintetizou a presidente do PCdoB, Luciana Santos, no lançamento da biografia “Renato Rabelo – Vida, Ideias e Rumos”, escrita pelo jornalista e historiador Osvaldo Bertolino, da fundação Maurício Grabois.

Lideranças políticas, sindicais, estudantis e dos movimentos sociais saudaram a presença de Renato Rabelo durante o lançamento do livro. Renato, que participou do encontro, não escondeu sua emoção pelas homenagens prestadas pelos presentes.

“Nós vamos hoje fazer a celebração de uma vida do nosso grande camarada Renato Rabelo, que hoje se torna também uma obra, ou seja, uma vida que dá vida a um livro, a uma obra que com certeza vai transcender muito todas as nossas gerações de militantes, dirigentes, amigos e amigas do nosso PCdoB”, disse a secretária de Organização do partido, Nádia Campeão, que conduziu o evento.

Além Bertolino e Renato, a mesa contou com a presença da presidente nacional do Partido e ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, do presidente da Fundação Maurício Grabois, Walter Sorrentino; do jornalista e vice-presidente do PCdoB, Carlos Lopes; dos deputados federais Orlando Silva (PCdoB-SP) e Renildo Calheiros (PCdoB-PE), além do presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Adilson Araújo; Rovilson Brito, presidente do PCdoB-SP e Manuela Mirrella, presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE).

FORTALECER A UNIDADE

Antes das falas dos convidados foram lidos dois trechos das apresentações da biografia enviadas pelo presidente Lula e pela ex-presidente Dilma.

“Tive o privilégio de compartilhar com Renato momentos decisivos na vida política brasileira. Sua liderança no PCdoB foi essencial para fortalecer a unidade das forças progressistas, especialmente durante os meus mandatos”, afirmou o presidente Lula, na apresentação do livro sobre a vida do dirigente comunista.

“Renato Rabelo tem acompanhado de perto a luta para manter vivo o sonho de um Brasil mais justo, solidário e soberano. A atuação de Renato Rabelo como dirigente é marcada pela humildade pessoal, sem deslumbres, com seriedade e gentileza notáveis no trato com as pessoas. Renato sempre conduziu o PCdoB com grande interesse nas questões de desenvolvimento nacional, científico, tecnológico e cultural e em seu trabalho injeável de formação e renovação de quadros”, destacou o presidente.

“Que sua história sirva como farol para todos aqueles que acreditam que um país melhor é possível”, completou.

A ex-presidente Dilma Rousseff também enviou mensagem celebrando a vida de Renato Rabelo: “Um baiano doce de alma revolucionária que segue o melhor da tradição comunista, combinando ação e pensamento, teoria e combate, comprometido com o desenvolvimento nacional, a emancipação do povo brasileiro e a construção do socialismo”.

EXEMPLO DE COMPROMISSO

Ao abrir sua fala, Osvaldo Bertolino fez um agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a construção do livro e destacou pontos importantes da vida de Renato, dos encontros pessoais à sua atuação política. Segundo Bertolino, foram mais de 9 horas de entrevistas com Renato. “Foi o ponto de partida para um mergulho nos arquivos da ditadura militar, fazendo um minucioso trabalho de cruzar as informações com a memória de Renato e de seus contemporâneos”, disse.

Ele também fez um agradecimento especial à esposa de Renato, a Conchita, “que fez com o Renato toda essa caminhada, desde os tempos de jovens estudantes em Salvador. Ela foi essencial para a apuração de muitas passagens da biografia. Ela também é, de certa forma, biografada”.

O biógrafo fez um breve relato sobre a atuação política de Renato, desde a sua atuação na Juventude Estudantil Católica, a fusão da AP com o PCdoB, os enfrentamentos contra a ditadura e a luta pela redemocratização, além da eleição do presidente Lula e atuação do PCdoB a partir dos anos 2000.

“Renato é um exemplo de caráter, de compromisso com os ideais pelos quais dedicou a sua vida”, ressaltou Bertolino.

“Assim é o Renato, descrito nessas 848 páginas do livro, como um homem de carne e osso, sangue e sentimento, apreciador de vinho, de uma boa conversa, admirado como pai, marido, avô do Lourenço, da Ana Clara e da Sofia, camarada e amigo de todos os que com ele tiveram o privilégio de conviver. Um brinde, Renato. Muito obrigado”, completou.

CONSTRUIR PONTES

Em uma mensagem em vídeo, Renato agradeceu a todos à construção deste momento.

“Foi uma jornada longa e desafiadora que me enche de orgulho e reforça a responsabilidade que temos, enquanto comunistas, de compreender e enfrentar o desafio de nosso tempo. A biografia não é apenas um relato da minha trajetória. Ela reafirma a importância da militância e da capacidade de construir pontes em diferentes momentos da história”, disse.

“Cada página desta obra reflete anos de dedicação, formulação de ideias, enfrentamento de desafios políticos e cenários muitas vezes adversos. Neste momento em que o PCdoB celebra seus 103 anos de história, a melhor homenagem que podemos prestar é essa trajetória a seguir defendendo e ampliando o seu legado. A responsabilidade agora está nas mãos das novas gerações de militantes que devem levar adiante a bandeira da transformação social com caráter e determinação.

“Agradeço imensamente a Fundação Maurício Grabois que tornou possível essa publicação, ao incansável Osvaldo Bertolino, cuja dedicação deu vida a esta biografia e a todos que contribuíram para a concretização deste livro. Essa obra coletiva, fruto da luta e do compromisso de muitos. Muito obrigado”, disse Renato Rabelo.

GENEROSIDADE E A CAPACIDADE POLÍTICA

A presidente do PCdoB e ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, destacou que



Renato Rabelo foi essencial para fortalecer a unidade das forças progressistas, disse Lula



“Renato é um exemplo de caráter, de compromisso com os ideais pelos quais dedicou a sua vida”, ressaltou o autor da biografia, Osvaldo Bertolino, durante o lançamento

“Renato é dessas figuras que marcam a vida da gente que conviveu e aprendeu com ele”.

A “serenidade que é própria de Renato, a generosidade e a capacidade política de, em momentos complexos e difíceis, ser assertivo, ter clareza. Isso é fruto de alguém que ouviu muito. Por isso que ele sempre nos ensinava da importância da construção coletiva, da inteligência coletiva. Porque é essa dialética que pode nos levar a construir as alternativas”.

“Eu quero dizer do orgulho e a emoção de participar desse momento tão especial e do lançamento da obra que resgata e celebra a trajetória desse que, sem medo de errar, é um dos maiores dirigentes políticos da história recente, não só do PCdoB, como do Brasil, o camarada Renato Rabelo.

“Renato é mais do que um nome no cenário político. Ele é, como diz o prefácio dessa obra, um protagonista da construção do pensamento de um Brasil soberano, justo e desenvolvido. Um intelectual orgânico, ou seja, ele não é apenas um intelectual ou um dileitante. Ele formulou e elaborou na luta política, aprendendo no dia a dia nos desafios concretos como a luta se apresentou em cada momento histórico. Comprometido com a luta do povo brasileiro, com a democracia, com a soberania nacional e com o socialismo”, completou.

PRESIDENTE DE HONRA

O presidente da Fundação Maurício Grabois e vice-presidente do PCdoB, Walter Sorrentino, considerou que “Como diria Gramsci, contar a história de Renato Rabelo é contar a história política do nosso país a partir de uma perspectiva transformadora”.

“A diretoria da Grabois é grata a cada um e a cada uma de vocês pela presença, porque esse lançamento da biografia de Renato Rabelo é um evento muito significativo para nós todos, é bom tê-los conosco e é significativo também para a história política do nosso país”, destacou.

Sorrentino comunicou que a diretoria da Grabois concedeu a Renato Rabelo a insígnia de presidente de honra da nossa fundação.

“Essa foi a primeira proposta formulada à diretoria e à direção do PCdoB, assim que assumiu o mandato em abril do ano passado. A razão foi a de inscrever Renato Rabelo entre os patronos perenes da Maurício Grabois, a qual ele presidiu por vários anos. Nós temos muito orgulho de nossos patronos”.

“Vejam vocês, nós temos uma constelação de patronos, Maurício Grabois, João Amazonas e Renato Rabelo. Isso simboliza, e queremos que simbolize, uma síntese das melhores características a cultivar de convicções e princípios, de coragem teórica e política, de modéstia, abnegação e resiliência. Renato, muito obrigado por nos dar a satisfação de aceitar ser o presidente de honra da Fundação Maurício Grabois”, disse Sorrentino.

QUANDO MAIS NEGRA A NOITE, QUE MAIS BRILHAM AS ESTRELAS

Vice-presidente do PCdoB e diretor de redação da Hora do Povo, Carlos Lopes destacou em sua fala a importância de Renato para o Brasil. “Eu acho que todas as nações têm personalidades, têm pessoas que condensam aquilo que há de melhor na sua população, na sua etnia, eu diria até no seu ethos. Você vê, se você pegar a Rússia, por exemplo, Lenin, Stalin, na China, Mao Tse Tung, Zhou Enlai, no Vietnã, Ho Chi Minh e Võ Nguyên Giáp, todas as nações têm pessoas desse tipo. É o Renato é uma pessoa desse tipo em relação ao Brasil”.

“Eu, particularmente, sou egresso do MR-8 e do PPL, tive grandes dirigentes que hoje em dia não estão mais entre nós. Mas eu diria que o Renato foi uma das pessoas mais cativantes que eu já encontrei

enquanto dirigente na minha vida. E devo dizer o seguinte, é verdade isso, que todas as nações têm pessoas desse tipo”.

“O Dom Helder Câmara me falou uma coisa, que ele, inclusive, escreveu num livro, que eu acho que é bem característico. Ele disse o seguinte, certo? É quando é mais negra a noite que mais brilham as estrelas. E isso é qualquer coisa, esse escrutínio, essa visão de ver aonde vai a luta revolucionária no Brasil. Então, Renato, receba a nossa homenagem”, completou.

EXEMPLO QUE MOTIVA A TODOS

O deputado federal Orlando Silva afirmou que sua atuação política é motivada pelo exemplo. “O que me move e que me inspira, que me motiva, é o exemplo do Renato”, disse.

“Renato foi importante na minha formação, como foi importante na formação de tantos quantos estão aqui presentes, ou que foram formados por gente formada por ele. O Renato é uma das personalidades, eu diria, mais importantes da esquerda brasileira ao longo da sua história. Esse é o lugar do Renato, um ideólogo que tem um papel-chave na construção de estratégias políticas, de movimentos políticos, e na formação de lideranças”.

UNIDADE DOS COMUNISTAS

O deputado Renildo Calheiros destacou sua vivência com Rabelo. “Queria dizer que o Renato é um ser humano extraordinário. É uma figura com a capacidade incrível de ouvir, de compreender as pessoas e de contribuir na busca de caminhos. E essa maneira de ser do Renato foi muito importante no trabalho que ele fez na direção do nosso partido, porque o Renato foi um líder de massa, para usar uma linguagem que é muito comum entre nós, foi uma liderança do movimento de jovens. E juntou a essa capacidade de liderar, a capacidade também de dirigir e de construir o nosso partido, que não é uma tarefa fácil”, destacou.

“O Renato é um homem que colocou como ponto principal da sua atuação a construção da unidade dos comunistas no Brasil e não é fácil unir uma quantidade enorme de pessoas que pensam muito, que debatem, que são treinados na crítica e que participam ativamente da luta política. Juntar uma turma dessa, unir uma turma dessa, não é fácil. E essa é uma característica muito importante do Renato. Na luta política, é um legado extraordinário que o Renato deixa. Não apenas para nós, mas para todo o pensamento progressista no Brasil e na América Latina”.

“Você é um dos grandes brasileiros. Uma figura que contribuiu e contribuiu enormemente para a luta que nós estamos fazendo no Brasil. O Brasil não é um país fácil, não é um país para amadores. É um país com elite dirigente que não gosta do povo, mas com muita capacidade política, com muita habilidade para manobrar. O Brasil é um país muito difícil. É nesse país que nós atuamos. É nesse país que nós temos o desafio de construir uma sociedade cada vez melhor, de construirmos aqui o socialismo. E temos um enorme respeito por toda a contribuição que você deu”, ressaltou.



Essa foi a primeira vitória brasileira na casa das adversárias

Brasil vence os EUA e quebra jejum de dez anos no futebol feminino

Na madrugada desta quarta-feira (9), a seleção brasileira feminina venceu os Estados Unidos com um gol nos acréscimos, por 2 a 1, no Avaya Stadium, em amistoso preparatório para a Copa América. Essa foi a primeira vitória na casa das adversárias.

Com o resultado, a seleção de Arthur Elias coloca fim em um jejum de mais de 10 anos sem vencer os Estados Unidos, o último triunfo havia sido em dezembro de 2014, também em amistoso.

O Brasil ainda termina a data Fifa com um saldo de uma vitória e uma derrota. No primeiro amistoso entre as equipes, no último sábado (5), o Brasil tinha sido derrotado por 2 a 0 no Sofi Stadium.

A próxima data Fifa do futebol feminino está prevista para acontecer entre o final de maio e início de junho. A seleção brasileira, dessa forma, deve seguir utilizando o período para se preparar para a Copa América, com início no dia 12 de julho.

O placar foi aberto pelos Estados Unidos aos 40 segundos de jogo. Aly Thompson arrancou em velocidade do campo de defesa, invadiu a grande área e finalizou, mas a zaga do Brasil cortou. Na sobra, a goleira Natascha não segurou a bola e ela ficou nos pés de Macario, que só empurrou para o fundo das redes.

O Brasil, no entanto, não desistiu e foi buscar o empate. Gio fez boa jogada e serviu Kerolin dentro da área. A camisa 10 da Seleção bateu colocado e marcou um belo gol para deixar tudo igual em 1 a 1.

Na reta final da segunda etapa, a Seleção feminina desperdiçou duas chances de ouro de virar o jogo. Gabi Portilho recebeu dentro da área e ficou cara a cara com a goleira McGlynn, mas chutou em cima da arqueira. Depois, Kerolin finalizou e, no rebote, Luany isolou.

Mas já nos acréscimos, aos 50 minutos, o Brasil seguiu martelando e conseguiu o gol da vitória. Jheniffer ficou com a bola no meio e lançou Luany. A atacante invadiu a grande área e cruzou rasteiro para Amanda Gutierrez, que havia entrado há pouco e só empurrou para o fundo das redes.

MP-RS processa Melo por falhas no sistema de defesa de enchentes em Porto Alegre

O Ministério Público do Rio Grande do Sul (MPRS) ingressou com uma ação civil pública contra a Prefeitura de Porto Alegre, comandada por Sebastião Melo (MDB), responsabilizando a administração municipal pelos impactos da enchente que atingiu a cidade entre 27 de abril e o final de maio de 2024. O episódio, classificado como uma das maiores tragédias urbanas do Estado, é atribuído a falhas no Sistema de Proteção contra Cheias que, segundo os promotores, poderiam ter sido evitadas.

A iniciativa, assinada pelos promotores Carla Carrion Frós, do Núcleo de Proteção dos Direitos das Vítimas (NUVIT), e Cláudio Ari Mello, coordenador do Centro de Apoio Operacional de Defesa da Ordem Urbanística e Questões Fundiárias (CAOURB), busca garantir reparações por “danos morais coletivos e danos materiais e morais individuais homogêneos” aos moradores e empresários afetados. A ação, de número 5085281-97.2025.8.21.0001, foi ajuizada no dia 31 de março.

Na petição, o MP solicita à Justiça a suspensão das ações individuais em curso relacionadas à enchente, com o objetivo de evitar decisões conflitantes. “A decisão pelo ajuizamento de uma ação coletiva tem como objetivos ampliar o acesso à Justiça das vítimas das enchentes; a racionalização da prestação do serviço de Justiça; além de potencializar as chances de que uma única decisão beneficie toda a população, evitando disparidades no tratamento judicial aos casos individuais”, explicou Cláudio Ari Mello.

Para os promotores, os danos provocados pela cheia são resultado direto de omissões reiteradas do poder público municipal. “As falhas no sistema de defesa contra enchentes foram muitas em abril e maio do ano passado. Inúmeros prejuízos tiveram os moradores residentes nos bairros atingidos. Esses danos, não só materiais, mas também morais, devem ser reparados”, afirmou Carla Frós.

O MP pede que a Prefeitura informe, em até cinco dias, os bairros oficialmente abrangidos pelo sistema de proteção contra cheias. Também é requerida a designação de audiência preliminar de conciliação e a produção de provas documentais, testemunhais e periciais.

Um dos principais pontos da ação é o pedido de indenização coletiva no valor de R\$ 50 milhões por danos morais causados à população porto-alegrense. O montante, conforme o MP, deverá ser aplicado ao longo de cinco anos em políticas públicas. A proposta é que os recursos sejam destinados a “obras de adaptação climática em Porto Alegre, como (...) parques lineares, parques fluviais, jardins de chuva, corredores ecológicos”.

Pereira: “1º de Maio de luta”



1º de Maio este ano volta ao Campo de Bagatelle, na Zona Norte de SP



Primeira mulher a dirigir a entidade, Vânia se elegeu com 96,6% dos votos

Congresso da Contag elege Vânia Marques e debate fortalecimento do movimento sindical

A Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) elegeu Vânia Marques para presidente em 14º Congresso Nacional. Primeira mulher a dirigir a entidade, Vânia foi eleita com 96,6% dos votos válidos para a gestão 2025-2029 após liderar a chapa vencedora “Unidade e Empoderamento: Fortalecendo a agricultura familiar”.

O Congresso, encerrado na quinta-feira (3), reuniu cerca de 2 mil pessoas em Luziânia-GO, entre delegados e convidados de todo o país.

“Temos uma grande responsabilidade, principalmente à frente desta grande confederação, que é a maior Confederação de trabalhadores rurais agricultores e agricultoras familiares do mundo. Mas essa responsabilidade não é só da Diretoria da CONTAG, nós só vamos conseguir fazer as mudanças necessárias se vocês que estão nos Sindicatos e Federações se somarem a esta luta”, declarou a nova dirigente, nascida na Bahia, atual secretária de Política Agrícola da entidade, assentada da reforma agrária e educadora.

A entidade reafirmou em plenária a unidade do Sistema Confederativo, composto pelos Sindicatos, Federações e CONTAG.

Para a coordenadora Estadual de Mulheres da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG-RS), Lérida Pivoto Pavanelo, “temos que fortalecer cada vez mais o nosso movimento sindical, no sentido de dar as mãos, nos valorizar e empoderar. A cidade precisa conhecer o meio rural e nos ajudar pelo tanto que a agricultura familiar representa na alimentação da população brasileira. E, para isso, nós precisamos, sim, estar de mãos unidas para não dividir esse grande movimento.”

Durante os dias de congresso, os participantes debateram diversos temas que servirão como base para as bandeiras de luta do movimento sindical, como: Política Agrária; Política Ambiental; Política Agrícola; Políticas Sociais; Organização e participação da juventude rural / participação política das crianças e adolescentes; Organização e participação de pessoas da terceira idade, idosos e idosas; Organização e participação políticas das mulheres trabalhadoras rurais; Educação popular e estratégia formativa; e Comunicação sindical e popular.

“Tudo isso mostra a nossa enorme capacidade e a Diretoria eleita reafirma que continuará a luta pela participação feminina, da juventude, da terceira idade e da diversidade, pelo fortalecimento da agricultura familiar, pela reforma agrária e acesso à terra, por políticas públicas, pela preservação e gestão sustentável dos bens comuns da natureza, por saúde, pela democracia e soberania nacional. Viva a classe trabalhadora! Viva a agricultura familiar brasileira!”, conclamou Vânia.

A abertura do evento contou com as presenças da ministra das Mulheres do Brasil, Cida Gonçalves, e do Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar do Brasil (MDA), Paulo Teixeira, além de outras autoridades, lideranças sindicais e internacionais.

Adilson Araújo, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), saudou a nova presidente, “que vem lá da minha terra, de Iraguara-BA, trabalhadora assentada de reforma agrária, líder, destemida e destacada. Com certeza, é a Margarida que chega, e chega para somar, para a gente fazer muito Grito da Terra, para a gente fazer muita Marcha das Margaridas, e para a gente colocar esse Brasil no caminho de uma nação desenvolvida, próspera e soberana, um Brasil mais humano e menos desigual. Sigamos juntos, como diria Paulo Freire: ‘A esperança é revolucionária’. Vamos todos abraçar a esperança!”, concluiu.

‘O mar não está para peixe. Nem para festinha descomprometida. A maioria das centrais não se deu conta da gravidade do momento’

A principal comemoração do 1º de Maio, esse ano, voltará a ser na Praça Campo de Bagatelle, Zona Norte de São Paulo, tradicionalmente realizada pela Força Sindical. Será, como sempre, desde que a Força Sindical foi fundada, em 1991, uma festa popular, comum como tantas outras, de fácil digestão, com sorteio de 10 carros da VW de São Bernardo (e da Alemanha), artistas requentados, sem necessariamente estarem interessados nas reivindicações do proletariado e do lupem proletariado, presentes.

A novidade, esse ano, é que, além da CTB, da UGT, da Pública, a CUT também vai participar, só que como convidada. Isso, depois do fracasso do ano passado, quando patrocinou um 1º de Maio “engajado”, pelo menos na propaganda. Constrangido, o presidente Lula falou para 2 mil militantes, presentes por dever de ofício.

Tudo está redondo. As palavras de ordem – contra os juros altos, contra jornada 6 por 1, por trabalho igual salário igual, entre outras – não são problemas, visto que o público é mobilizado pelos artistas e, especialmente, pelo sorteio. Já os dirigentes sindicais, querem aproveitar a oportunidade, num período de vacas magras, para fotos e para falarem a um público de dezenas de milhares de pessoas. Os artistas participam na defesa do merecido cachê.

Daí, é que no dia seguinte tudo estará como d’antes no quartel de Abrantes. Qual é, então, o problema? Não tem problema. A Força tem razão. “Melhor isso, do que nada”.

Tem um porém. O mar não está para peixe. Nem para festinha descomprometida. A maioria das centrais parece que não se deu conta da gravidade do momento.

O que, na prática, significa abandonar o governo (e os trabalhadores) à própria sorte.

A carestia dos alimentos está ficando insuportável e derrubando a popularidade do presidente. O salário mínimo é uma miséria. O emprego formal ficou raro. Metade da população, em idade de trabalhar, se vira com bicos, trabalho intermitente e nas plataformas, onde, para ganhar um salário de fome, cumpre uma jornada de 16 horas, sem direito algum.

O governo parece perdido, não tem dinheiro para nada. O ministro da Fazenda só pensa em cortar benefícios e investimentos. Haddad e Galpelo, presidente do Banco Central, usam o posto para garantir o pagamento dos juros aos rentistas. Em 2024, só de juros, o governo gastou quase R\$ 1 trilhão, mais que o dobro dos orçamentos da Saúde, da Educação e do Bolsa Família somados. Enquanto o país está estagnado há décadas, se desindustrializando, o cartel dos bancos lucrou, no ano passado, R\$ 100 bilhões.

As centrais vão deixar para lá? Fingir que não estão vendo? Que não é com elas? Justamente no 1º de Maio, vão perder a ocasião para denunciar o assalto aos cofres públicos?

É a oportunidade de ouro para realizar assembleias nas fábricas, afixar faixas, pintar os muros, fazer discursos e dar entrevistas. Há uma expectativa sobre o que as lideranças sindicais têm a dizer. E cabe ao movimento sindical a responsabilidade de virar esse jogo, de colocar o guizo no gato. A verdade está na flor da pele e não tem dia melhor que o 1º de Maio para ser revelada. Aí sim, tanto esforço terá valido a pena.

CARLOS PEREIRA

Remédios mais caros agravam crise financeira de aposentados

O aumento anual do preço dos medicamentos, que começou a valer no último dia 31, é um peso a mais na vida dos brasileiros, mais especialmente dos aposentados e pessoas que dependem de remédios de uso contínuo.

Embora o reajuste médio aprovado, de 3,83%, seja inferior à inflação acumulada no período, de 5,06% – teto para o aumento dos remédios –, a alta acontece no momento em que as pessoas já têm que enfrentar a carestia dos alimentos básicos como ovo, café, e tantos outros.

O reajuste, que trata da regulação do setor farmacêutico, é definido pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (CMED), que tem como base a Lei nº 10.742, de 2003, e prevê a possibilidade de mudança anual nos valores comercializados dos produtos.

Para o presidente do Sindicato Nacional dos Aposentados, Milton Cavalo, “o alto custo dos remédios compromete uma parte significativa da renda dos idosos, tornando ainda mais difícil equilibrar o orçamento mensal”.

De acordo com ele, diante desse cenário em que os aposentados “são o grupo mais im-

pactado por doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, que exigem uso constante de remédios”, se torna cada vez mais urgente “a valorização das aposentadorias, pois é essencial garantir que aqueles que trabalharam a vida inteira possam viver com dignidade”.

“É fundamental lutar por políticas que garantam o aumento real das aposentadorias acima de um salário mínimo, para que os idosos não sejam prejudicados pelo avanço da inflação e pelos reajustes abusivos nos preços dos medicamentos”, afirma.

Ele alerta que a valorização dos aposentados deve ser uma prioridade. “Eles contribuíram por anos para o desenvolvimento do país e merecem respeito e reconhecimento. Por isso, o sindicato seguirá firme na defesa de reajustes justos dos benefícios, garantindo melhores condições de vida para todos os aposentados”, diz.

O sindicalista reforça ainda a luta do sindicato pela aprovação do Projeto de Lei 1468/23, do deputado Pompeo de Mattos, que garante 5% de reajuste adicional para os benefícios, o Quinquênio das Aposentadorias.

Em meio a privatizações, CPTM anuncia novo plano de demissão

No momento em que o governo Tarcísio de Freitas acaba de entregar três linhas de trens à iniciativa privada – as linhas 11-Coral, 12-Safira e 13-Jade –, dando ainda de lambuja ao consórcio vencedor do leilão mais de R\$ 10 bilhões de recursos públicos para modernização das linhas, a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) inicia um novo processo de demissão de funcionários.

O plano de desligamento, intitulado PDI (Plano de Demissão Incentivada), oferece alguns incentivos financeiros aos trabalhadores para diminuir o quadro total de empregados e assim baixar as despesas da empresa.

Este novo PDI se dá após a baixa adesão ao processo

de demissão do final do ano passado, quando houve o anúncio do PDI após a concessão da Linha 7-Rubi. No ano passado, menos de 500 funcionários aderiram às demissões.

As demissões em massa na CPTM ocorrem desde que foi iniciado o processo de privatização pelo governador Tarcísio e a expectativa é de que ocorram cada vez mais demissões.

A maioria dos profissionais aptos a aderirem ao PDI são trabalhadores experientes, muitos que estão na empresa entre uma ou mais de duas décadas, desde a criação da CPTM em 1992, sendo a sua saída, uma grande perda para a qualidade e segurança do serviço prestado à população.

Entregas da fome: 69,3% dos trabalhadores de aplicativos recebem até um salário mínimo

Fome, jornadas exaustivas, acidentes constantes, precariedade: essa é a realidade de milhares de entregadores por aplicativos no país, revelada pela pesquisa da ONG Ação da Cidadania, que entrevistou 1,7 mil trabalhadores do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A coleta de dados para a pesquisa “Entregas da Fome: Insegurança Alimentar Domiciliar em trabalhadores de aplicativos de entrega de comida nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro” foi conduzida pelo Instituto Vox Populi. O estudo é uma iniciativa da Ação da Cidadania em parceria com o Djanira Instituto de Ensino e Pesquisa e o Instituto de Nutrição Josué de Castro, da UFRJ.

RENDA E FOME

De acordo com a pesquisa, considerando a renda mensal per capita com entregador, 69,3% recebem até um salário mínimo (sendo 27,9% abaixo de meio salário e 41,4% entre meio e um salário mínimo); 21,2% recebem entre um e dois salários, e 9,5% acima de dois salários mínimos.

O levantamento apontou ainda que 32% desses trabalhadores vivem algum grau de insegurança alimentar: 18,5% das famílias dos trabalhadores sofriram de insegurança alimentar leve; outros 5,5% eram casos de insegurança moderada, e em 8% casos graves de acesso à alimentação.

Conforme o estudo, a condição desses trabalhadores é pior do que a média nacional entre a população ocupada. Quando se considera apenas os casos moderados e graves – em que há efetiva restrição alimentar –, a situação é ainda mais crítica, mostra o estudo.

“Isso significa que essas pessoas já vivem com restrição alimentar efetiva. Ou seja, ou não comem uma refeição completa, ou não têm acesso a proteína, ou precisam pular refeições para garantir que os filhos se alimentem. São dados alarmantes e acima da média nacional para trabalhadores em qualquer setor”, explica Rodrigo Afonso, diretor executivo da Ação da Cidadania.

JORNADA E ACIDENTES

Os dados expõem ainda que 60% dos entregadores entrevistados trabalham todos os dias da semana, por cerca de dez horas por dia, sem qualquer tipo de vínculo empregatício ou proteção social; que 41% já sofreram algum tipo de acidente durante as entregas e que 16% precisaram se afastar em consequência do acidente.

A pesquisa revela ainda que 90% dos entregadores não têm plano de saúde ou seguro de vida, cerca de 70% não possuem seguro para seus veículos e que 72% sequer contribuem para a Previdência.

GREVE

A divulgação da pesquisa se deu no momento em que a categoria realizou, na semana passada, uma greve nacional de dois dias por aumento na taxa mínima de entrega para R\$ 10; aumento do valor pago por quilômetro rodado de R\$ 1,50 para R\$ 2,50; limitação das rotas de bicicleta, e pagamento integral por entrega, sem cortes quando há múltiplos pedidos no mesmo trajeto.

“Eu acho que a pesquisa traz uma vontade de desmistificar e mostrar para a sociedade a real condição a qual esses trabalhadores estão sujeitos, o que isso dá de consequência na vida dessas pessoas e pautar também esse debate baseado em dados, para que a gente possa pensar numa regulação que realmente beneficie esses trabalhadores”, disse Rodrigo Afonso.

Para Afonso, “o trabalhador aceita essas condições pelo retorno financeiro imediato e por acreditar que pode controlar sua jornada. Mas, na realidade, ele paga pelo próprio trabalho e, muitas vezes, nem consegue se alimentar direito. É uma falsa sensação de liberdade que mantém essas pessoas presas a um ciclo de pobreza”, diz.

“A grande maioria trabalha muito e acaba virando, realmente, um trabalho que é o único dele, que toma a semana inteira e que também tira a possibilidade de futuro desse trabalhador. No fim do dia, esse trabalhador não paga imposto, então ele não tem previdência, não tem aposentadoria garantida para o futuro, não tem plano de saúde. E o que acontece com isso? O Estado acaba arcando com esses gastos por esse trabalhador, enquanto a empresa está lucrando milhões de reais nesse modelo”, disse o diretor da ONG.

Segundo a pesquisa, os entregadores que trabalham por aplicativo são, em sua maioria, jovens, pertencentes a camadas sociais mais vulneráveis, “e veem nessa atividade uma alternativa para obtenção de renda diante das dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho”.

“O que falta não é dinheiro para essas empresas, é prioridade. Elas lucram cada vez mais e seguem sem nenhuma obrigação de garantir condições dignas para os trabalhadores. Enquanto isso, o Estado, que deveria estar regulando, acaba financiando indiretamente o lucro dessas plataformas ao assumir os custos sociais dessa precarização”, alerta Afonso.

O estudo será encaminhado a setores do Governo Federal, à Câmara dos Deputados e ao Senado. “A gente não está aqui criminalizando o setor privado. O que queremos é um modelo mais justo, que garanta direitos mínimos para quem faz esse trabalho essencial. O Brasil precisa enxergar que esse tipo de trabalho sem nenhuma segurança não é sustentável a longo prazo”, concluiu Afonso.

HP

CHARGE DO ÉTON



Bomba de Israel contra tenda de imprensa queima vivos 2 jornalistas



Munther Abed, único sobrevivente da chacina
Único sobrevivente do assassinato de 15 socorristas por tropa de Israel relata o massacre em Gaza

“Eu os ouvi expirar o último alento”, diz o sobrevivente Munther Abed. “Sou o único sobrevivente que viu o que aconteceu com meus colegas”, diz Munther Abed, enquanto mostra fotos de seus colegas paramédicos no celular, ao conceder entrevista a jornalistas ingleses da BBC e do The Guardian.

Ele sobreviveu ao ataque israelense que matou 15 profissionais do socorro de emergência em Gaza, atacados na madrugada de 23 de março. Abed escapou ao se jogar no chão na parte de trás da ambulância, enquanto seus dois colegas que estavam na frente foram atingidos pelos disparos sobre o veículo do Crescente Vermelho (Cruz Vermelha árabe).

No ataque, cinco ambulâncias, um caminhão dos bombeiros e um veículo da Organização das Nações Unidas (ONU) foram atingidos “um a um” na região de al-Hashashin, no sul de Gaza, informou a ONU.

Os corpos foram recuperados de uma vala comum somente no último domingo (30/3).

“Saímos da base perto do amanhecer”, Munther contou aos jornalistas.

“Eu os ouvi expirarem o último alento”, relata. Munther Abed estava na primeira ambulância no local de um ataque aéreo, quando os soldados abriram fogo.

O tiroteio não parou contra uma sucessão de ambulâncias que chegavam ao local. Depois, com uma escavadeira, abriram uma vala para jogar ali o ferro retorcido que restou dos veículos do Crescente Vermelho e da Defesa Civil.

Abed estava na parte de trás da ambulância quando o ataque começou em Hashashin, Rafah. Os dois socorristas que estavam na parte da frente da ambulância morreram sob o fogo de rifles e ele sobreviveu ao se jogar no chão do veículo.

“A porta abriu e lá estavam os soldados israelenses armados de rifles e usando óculos para visão noturna”, relatou Abed. “Eles me arrastaram para fora da ambulância”, prosseguiu, mantendo sua face para baixo. Ele foi algemado com as mãos para trás, foi obrigado a deitar no chão e teve início um espancamento. “Mesmo naquelas circunstâncias eu pude ver boa parte do que aconteceu desde aquele momento”.

Outros colegas chegaram à cena em ambulâncias e carros da Defesa Civil. Todos se viram no meio de um corredor de fogo. Ao todo foram oito tripulantes de ambulâncias e paramédicos do Crescente Vermelho. Seis dos assassinados eram da Defesa Civil e um outro funcionário da ONU.

Seus corpos foram localizados ao lado de seus veículos destruídos e arremessados a uma vala. Segundo outras testemunhas ao The Guardian, vários deles tinham as mãos ou os pés algemados.

Um funcionário do Crescente Vermelho, Assad al-Nassara, ainda está desaparecido, mas Abed afirma que o viu ainda com vida no local do morticínio. Ele está desaparecido desde então. Somente Abed está presente para contar a história.

Abed saiu em uma ambulância do hospital Britânico, instalado na região de Al-Mawasi, que fica à beira-mar. Eles se deslocaram para o local denominado Hashashin, desértico e com dunas, em Rafah, de onde viera um pedido de socorro. Ele pulou para a parte de trás do veículo que saiu dirigida por seu amigo, Mostafa Khufaga, com outro funcionário, Ezzedine Shaath, ao seu lado, no banco da frente.

ISRAELENSES ESCONDENDO O CRIME

Diante da pressão internacional, Israel passou a dizer que o caso estava sendo “formalmente investigado” e a força israelense diz que não há nada que comprove ter ocorrido algo de errado, acrescentando que os veículos “avançavam de forma suspeita sem luz acesa ou qualquer sinal”.

Abed contesta essa versão como sendo “flagrantemente falsa”.

“As luzes da ambulância estavam acesas e o logo do Crescente Vermelho estava claramente visível enquanto avançávamos em direção ao local de onde nos haviam solicitado”.

Os israelenses descrevem o local como “zona de guerra”, enquanto que Abed diz que Hashashin é “uma área civil onde o dia a dia transcorria normalmente e nunca foi designada como zona de combate”. Estavam se aproximando do local atingido pelo ataque aéreo quando os israelenses abriram fogo contra eles.

“Assim que o tiroteio começou eu busquei cobertura no chão da parte de trás e foi de lá o que eu ouvi de meus colegas: alguns ruidos até que eles expiraram seu último alento”.

“De repente, tudo ficou quieto, a ambulância parou. A porta do lado do motorista foi a primeira a ser aberta e eu ouvi vozes falando em hebraico. Fui tomado de medo e pânico e comecei a citar versos do Alcorão”, relata Abed.

“Logo a seguir me alcançaram, tiraram minha roupa e fiquei só com a parte de baixo, tive minhas mãos atadas às costas. Me atiraram ao chão, já fora da ambulância, e comecei um interrogatório”.

“Passei por tortura que incluiu espancamento, insultos, ameaças de morte e sufocamento. Ao mesmo tempo um soldado pressionava a ponta de um rifle contra minhas costas”.

“Outro soldado encostava um punhal contra meu ombro esquerdo. Após um tempo, chegou um oficial israelense que mandou parar aquilo dizendo: “Vocês estão loucos”.

Durante este tempo em que foi agredido, Abed pôde ver um veículo da Defesa Civil e mais uma ambulância se aproximando. “Assim que chegaram perto de onde eu estava, caíram sob fogo intenso que se prolongou por cerca de cinco minutos. Não vi ninguém sair dos veículos quando o fogo parou”.

“Cerca de cinco minutos depois, outras duas ambulâncias chegaram vindas pelo caminho que leva dali ao centro de Rafah. Eram também do Crescente Vermelho. Eu pude apenas ver as luzes vermelhas das ambulâncias e ouvir novamente o som de tiros. Mais dez minutos se passaram e vi chegar outra ambulância, desta vez vindo pelo caminho que leva a Khan Yunis. Esta foi atacada, assim como as demais”.

“Não somos mais tomados de surpresa quando alguém é morto. Qualquer um pode ser alvejado pois estamos lidando com uma força de ocupação que despreza as leis e os tratados internacionais. Em todas as missões que embarcamos, temos a sensação de que ela pode ser a última”.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br



Jornalista palestino Ahmed Mansour não sobreviveu às queimaduras

“EUA bombardeia hospital e casas em Sana'a”, denuncia Pepe Escobar, da capital do Iêmen

“O que eles estão bombardeando, por exemplo, aqui em Sana'a, são prédios residenciais como o que visitamos no começo desta semana, além de um hospital de câncer que ainda estava sendo construído. Foi bombardeado no começo da semana na capital. E nós estávamos lá dois dias depois. Fomos os primeiros a realmente ir ao local, além dos iemenitas que vivem lá”, disse o articulista Pepe Escobar em entrevista transmitida durante sua visita ao Iêmen.

“E eles tiveram enormes dificuldades para encontrar o financiamento para construir este hospital, que seria o único hospital de câncer para o noroeste e o norte do Iêmen. Agora eles têm que começar do zero novamente. Este é um alvo militar? Claro que não. Ainda assim foi bombardeado pelos americanos. O povo americano precisa saber o que seu governo está fazendo. Que está mirando em civis, que está bombardeando bairros residenciais e que demoliu um hospital de câncer em um país como o Iêmen”, prosseguiu Escobar na entrevista ao juiz Andrew Napolitano, no podcast norte-americano ‘Judging Freedom Podcast’, 28 de março.

“E meia-noite em Sanaa, Iêmen, de onde vem nosso querido amigo, o intrépido e destemido Pepe Escobar”, disse o juiz Napolitano. “Você está no Iêmen há uma semana. O que você está vendo?”

“Foi uma experiência importante”, disse Escobar, “em termos de interação com os iemenitas, em termos de entender como eles pensam, em termos de ver a vida, não



Pepe Escobar em pronunciamento aos iemenitas

apenas aqui na capital, agora bombardeada todos os dias pelo CENTCOM (Comando Central dos Estados Unidos), que dirige operações militares para o imperialismo americano a partir de Tampa, na Flórida, a exemplo da atual agressão ao Iêmen).

“No meio desta semana eu estava na província de Saada, no noroeste do Iêmen, não muito longe, a pouco mais de 100 quilômetros da fronteira saudita”.

Sobre as acusações de que os Houthis estavam atacando navios americanos, Pepe disse que só navios israelenses estavam sendo atacados, após o fim do cessar fogo: “Não, eles não fizeram isso. Apenas navios israelenses. Então, o mais importante é que eles têm que reformular e reexplicar isso repetidamente: só começamos a atacar navios agora porque Israel quebrou o cessar-fogo”.

“E o genocídio continua. Só hoje, ou nas últimas 24 horas, eles mataram mais de 300 mulheres e crianças na Palestina”, denunciou ainda o articulista.

Quando o juiz Napolitano perguntou sobre os bombardeios

americanos e as reações das pessoas do Iêmen diante das mortes e do assassinato de civis, Pepe relata que a maioria dos alvos americanos são civis.

Sobre a capacidade militar dos Houthis e a acusação de que os drones iemenitas são fornecidos pelo Irã, Escobar esclarece que “eles não derrubaram nenhum jato tripulado, mas já derrubaram vários drones MK-9”.

“Eles têm mísseis muito bons, que desenvolveram. E, outra coisa que me foi explicada em detalhes, isso remonta aos tempos maoístas. A China estava ajudando o Iêmen já nos anos 60 e depois no início dos anos 70 também. Os melhores alunos, estudantes de engenharia aqui, e especialistas em física, você sabe onde eles estudaram? Na URSS e na China”.

“Eles têm uma classe científica aqui, que é muito desenvolvida. Então, quando você tem o presidente dos Estados Unidos dizendo que os houthis e os iemenitas são bárbaros, ele tem que voltar para a escola. Literalmente,” finalizou Pepe Escobar.

Atores e cineastas espanhóis lançam manifesto contra guerra na Europa e genocídio em Gaza

Centenas de atores, cineastas, cantores e outros trabalhadores culturais, apoiados por 850 organizações sociais lançaram o manifesto “Nós nos recusamos a aceitar o rearmamento e a guerra na Europa”.

O documento com a recusa a elevar o orçamento militar espanhol foi acompanhado da assinatura de mais de 16 mil pessoas e apresentado pelos atores Juan Diego Botto e Carolina Yuste diante do parlamento da Espanha, foi lido no mesmo dia em que o primeiro-ministro Pedro Sánchez se apresentou diante da mesma câmara para defender o aumento dos gastos militares para 2% do PIB, antecipando prazo original previsto para 2029.

O manifesto também denuncia o genocídio perpetrado pelo regime fascista de Netanyahu que, com apoio da Otan vem dizimando dezenas de milhares de famílias palestinas.

Os artistas espanhóis também apoiaram a declaração assinada por 700 membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos EUA (AMPAS), criticando a entidade por sua omissão em relação ao linchamento de Hamdan Ballal, diretor do filme “Sem Chão”, premiado com o Oscar de melhor documentário, atacado por colonos e soldados israelenses na Cisjordânia ocupada na semana passada. A Academia voltou atrás e lançou declaração rejeitando a agressão ao diretor.

Na continuação da mobilização



Manifestação contra guerra diante do parlamento

zação contra o genocídio, mais 19.000 pessoas assinaram uma petição internacional exigindo proteção de Hamdan Ballal e da equipe produtora de Sem Chão.

Essas declarações refletem a grande oposição entre trabalhadores culturais e artistas ao genocídio em Gaza, bem como às políticas militaristas promovidas tanto pela União Europeia quanto pelo governo Trump.

O manifesto começa enfatizando a importância de serviços sociais fortes e da paz: “A sociedade precisa da segurança que vem de uma assistência médica pública de qualidade e educação para todos; os jovens precisam de um lar para morar; nossos idosos não querem ver suas pensões colocadas em risco; e, acima de tudo, não queremos que nossos filhos e netos experimentem os horrores da guerra”.

O texto rejeita a propaganda generalizada dos grandes meios de comunicação espanhóis e

do comando político atual que dissemina a falsa suposição de que o rearmamento trará paz, insistindo, em vez disso, que “isso nos deixará ainda mais perto da guerra”.

Os signatários denunciam a Europa de “permanecer em silêncio ou, pior ainda, apoiar Israel em seu genocídio em Gaza e na Cisjordânia, e até mesmo perseguir aqueles que o denunciam”.

Criticando o fato de que políticas militaristas serão pagas pelos trabalhadores por meio de cortes nos seus direitos e gastos sociais, o manifesto alerta que “dinheiro de nossos hospitais públicos, nossas escolas e universidades públicas, nosso sistema de saúde, nossa proteção social e redes de segurança para tempos difíceis... será redirecionado para comprar tanques, rifles, caças e mísseis para a guerra”.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

O jornalista Ahmed Aziz, que estava perto da tenda incendiada, relatou ao Middle East Eye a agressão que levou à morte dois de seus colegas, Fakawi e Mansour, engolfados pelas chamas

“Estávamos nas tendas [próximo ao hospital Nasser] por volta da meia noite quando uma bomba atingiu uma delas. Dentro dela estavam os jornalistas Hassan Islayeh e Ahmed Mansour e Helmi Farkawi. Mansour estava trabalhando em turno noturno como editor do portal Palestine Today.

O jornalista Helmi al-Faqawi estava dormindo naquele momento. Faqawi trabalhava para a divulgação do Palestine Today através das redes sociais.

Ele foi atingido por estilhaços em seu peito, estômago e rosto e faleceu.

O celular de Islayeh pegou fogo. Ele conseguiu correr para fora mas foi atingido por estilhaços que feriram os dedos de sua mão direita.

Naquela situação tentamos apagar o intenso fogo.

Outro pedaço de bomba atingiu outra tenda em frente a nós. Essa outra tenda pertencia aos correspondentes do portal Russia Today (RT). Um cilindro de gás que, por sorte estava vazio, explodiu com o pouco de gás restante em seu interior, enchendo a tenda de fumaça.

Corremos para acordar os colegas em meio à fumaça desta outra tenda e verificar se estavam feridos. Nosso colega Ehab al-Bourdaine, fotógrafo da RT, foi ferido por um estilhaço que entrou pela nuca e saiu pelo seu olho direito.

Também foi ferido Yousef al-Khazindar, que atua na região e usa as tendas para dar uns cochilos. Abdullah al-Attar foi ferido à altura do baço e começou a sangrar muito. Mohammed Fayeq foi atingido na mão esquerda.

Fizemos tudo o que pudemos para tirar Mansour das chamas, mas as condições tornaram seu resgate impossível. Tentamos desesperadamente salvá-lo, mas sem sucesso.

SITUAÇÃO CRÍTICA

A situação na área ficou tomada pelo caos, pelo ataque às tendas. Os jornalistas que cobriam outro massacre em Khan Yunis, durante aquele dia, estavam exaustos.

Começamos a levar os feridos ao hospital Nasser, que não ficava longe, à pé.

Com os feridos acomodados no hospital Nasser, ficou claro quais estavam em condições críticas.

Bourdaine ainda está em tratamento intermediário, em uma condição grave.

Islayeh, jornalista proeminente em Gaza, sofreu ferimentos graves. Além da mão, foi ferido na cabeça e na perna.

Mansour, que ficou tomado por queimaduras e estava de início no departamento de tratamento de queimaduras, em

situação crítica, sucumbiu a suas feridas nesta terça-feira.

Na segunda-feira, fizemos o funeral de Fakawi. Foi apenas poucos dias depois ter decidido me acompanhar na cobertura de procissões e em entrevistas.

Ele estava tão orgulhoso porque um vídeo filmado por ele havia viralizado no dia anterior. “Eu sou menos experiente do que você, mas vou ficar mais famoso”, brincou ele antes de morrer.

Em uma última conversa, ele me disse que queria ‘trabalhar, trabalhar, trabalhar’ e que seu sonho era se tornar correspondente de uma agência de notícias internacional.

Agora estou evitando conversar com jornalistas em torno de mim pois está difícil carregar a dor de perder mais um amigo.

Mansour, que conheci no dia 10 de outubro de 2023, três dias depois do começo da guerra, tinha uma filha e um filho. Ele visitava seu filho, Wissam, que estava nas proximidades, todos os dias.

Muitos dos seus parentes, deslocados, estavam hospedados em sua casa.

Durante os três primeiros meses da guerra trabalhamos juntos por longas horas, às vezes 13 horas por dia no mesmo local. Chegamos a passar fome juntos.

Ele era gentil e sempre prestativo, querendo ajudar.

Era cuidadoso com sua aparência, se vestia bem e sempre aparava o bigode e barba.

Ainda que não tivesse morrido, lhe teria sido muito difícil a sobrevivência devido à extensão de seus ferimentos. Era de cortar o coração vê-lo no hospital.

Me é difícil olhar para a bicicleta que usava e os restos da tenda onde foi queimado.

EM SUA MEMÓRIA

Estou exausto. Já estamos há um ano e meio desta tragédia. Nunca imaginei que minha carreira de jornalista seria assim.

Perdi tantos amigos e colegas, pessoas que conhecia há mais de 10 anos.

Agora eu evito ficar em tendas de imprensa.

As pessoas não conseguem imaginar pelo que passamos: bombardeio diário e perdas.

Confesso que não me considero feito de aço. Estou estilhaçado por dentro.

Eu continuo trabalhando todo dia para evitar ficar em casa, porque estas lembranças me destruiriam.

Às vezes penso que preferiria ser martirizado no trabalho de campo.

Apesar de também estar ferido, não posso parar de trabalhar. Por meus colegas e por sua memória”.

“Nos defenderemos da guerra tarifária de Trump com proteção e desenvolvimento do México”

Plano de 18 pontos, baseado no compromisso com o desenvolvimento nacional, fortalecimento do mercado interno e melhoria do bem-estar social, com geração de empregos e valorização do emprego e da renda, a presidente Claudia Sheinbaum apresentou no Museu Nacional de Antropologia. No topo da lista, reafirmou, está seu compromisso com reforçar e expandir a produção nacional para o mercado interno nos setores têxtil, calçadista, moveleiro, siderúrgico e de alumínio, semicondutores, painéis fotovoltaicos, baterias, além da produção nacional de veículos. Da mesma forma, que a ampliação da produção nacional da indústria farmacêutica, petroquímica e de fertilizantes.

“Todos os mexicanos, fiquem certos, como fizemos até agora, que farei tudo o que estiver em minha mente, coração e noço para viver de acordo com o nosso povo. Temos valores em nosso país: honestidade, auto-riedade moral e a convicção de que não há outro México como ele, e juntos faremos o melhor possível. Temos o mais importante: muita gente”, assinalou aclamada por governadores, empresários, representantes de povos indígenas, deputados e senadores, que prestigiam

o evento desenvolvimentista. São prioridades, reiterou, investir no mercado interno; ampliar a produção nacional, reduzindo importações de países com os quais não há acordo comercial; e fortalecer os Programas de Bem-Estar Social.

A expansão da autossuficiência energética, declarou Sheinbaum, será chave com o aumento da produção de gasolina, diesel e combustível de aviação em 30% e redução das importações de gás natural, acelerando os investimentos na Comissão Federal de Eletricidade (CFE) e reforçando a Rede Nacional de Transmissão e Distribuição.

A aceleração dos projetos de obra pública já em 2025, assegurou, será crucial, com a manutenção de 44 mil quilômetros de rede federal e ampliação de rodovias, ampliação de portos e conclusão de aeroportos.

Para tanto, seu governo vai aumentar a autossuficiência alimentar, como a de milho branco – de 21,3 milhões para 25 milhões de toneladas –; de feijão – de 730 mil para 1,2 milhão de toneladas –; e de leite – de 13 para 15 bilhões de litros, aumentando o valor agregado dos produtos agrícolas, “promovendo o comércio justo” por meio da intervenção do Estado.

Com EUA fraco, Trump afronta o mundo com guerra de tarifas



Manifestação contra o governo italiano. (colagem:fotos de G. Conte/redes sociais)

Cem mil repudiam em Roma a "loucura armamentista" apoiada por Giorgia Meloni

Uma multidão de italianos marchou neste sábado (5) em Roma contra a "loucura do rearmamento europeu" e a política belicista da primeira-ministra Giorgia Meloni e do seu ministro de Defesa, Guido Crosetto.

"Hoje chega um não alto e claro ao desperdício de 800 bilhões de euros para rearmar a Europa. Este plano europeu não prevê uma defesa comum, mas apenas novos cortes na educação, saúde e trabalho. É uma loucura sem estratégia e visão", afirmou Giuseppe Conte, que comandou a manifestação em nome do Movimento 5 Estrelas (M5S – que tem como prioridades a defesa da água pública, ambientalismo, transportes sustentáveis, direito à Internet e desenvolvimento sustentável).

"Somos 100 mil", comemorou Conte, frisando que a amplitude do ato – ao lado de dezenas de movimentos, coletivos partidos e grupos opositores – representava "a mensagem forte e clara que emerge da praça: não queremos um plano de rearmamento que desperdice recursos e leve a Europa para uma economia de guerra".

"Que país queremos? Um país que gasta bilhões para curar ou para matar? Um país que deixa aos seus filhos um sistema de saúde pública funcional ou armazéns cheios de bombas e mísseis?", questionou a vice-presidente do Movimento 5 Estrelas, Chiara Appendino, ao levar a Constituição ao palco da manifestação.

Conte defendeu "a construção de caminhos para a paz" com a Rússia e exigiu investimentos nas áreas sociais e na geração de empregos, frisando que "o futuro dos jovens não pode estar nas Forças Armadas".

"É bom que uma delegação do Partido Democrata tenha participado hoje na manifestação do M5S. Se quisermos dar uma alternativa ao país e mandar esse direito para casa, devemos construir alianças fortes, concentrando-nos naquilo que nos mantém unidos e suavizando onde temos posições diferentes. Como principal partido da oposição, temos maior responsabilidade de procurar a colaboração das forças aliadas e concentrar-se na unidade", disse Laura Boldrini, membro do Partido Democrata e presidente do Comitê Permanente da Câmara dos Direitos Humanos no Mundo.

No encerramento do ato, Conte agradeceu a todos "por este grande dia", sublinhando que a prepotência será barrada "com participação e democracia". "Não devemos deixar o primeiro lugar aos Estados Unidos. É a Europa quem deve acabar com esta guerra, caso contrário a guerra acabará com a Europa", concluiu.



"A China está pronta para lutar até o fim" se EUA quiser a guerra tarifária, diz porta-voz de Xi

China enfrenta tarifaço e chantagem dos EUA

Concretizando seu compromisso de não ceder à chantagem tarifária e à intimidação unilateral do governo Trump, a China anunciou uma taxa adicional de 84% sobre os produtos importados dos EUA nesta quarta-feira (9), dia marcado para a entrada em vigor do tarifaço de 104% (20% + 34% + 50) decretado na semana passada pela Casa Branca.

Na véspera, Pequim havia reiterado que "iria até o fim" na guerra comercial desencadeada por Trump. "Os EUA continuam impondo tarifas e exercendo pressão máxima sobre a China, que se opõe firmemente e jamais aceitará tal intimidação", afirmou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores Lian Jin.

Na iminência de uma quarta-feira negra, Trump recuou abruptamente, dando uma pausa de 90 dias para a implementação de seu tarifaço, limitado a 10% nesse período, exceto em relação à China, que não se submeteu à chantagem tarifária.

Tentando emparelhar a China, Trump decretou que a sobretaxa contra produtos chineses irá para 125%. Em suma, tenta manobrar para o que é a guerra comercial que ele próprio deflagrou contra o mundo inteiro seja visto como confronto

com a China unicamente.

Desde sexta-feira, um dia terrível em Wall Street, magnatas vinham pressionando Trump por uma pausa no tarifaço, como Bill Wickman, um dos chefes dos fundos de hedge, que advertira sobre "um inverno nuclear econômico autoinfligido" global.

A China classificou as medidas de Trump como "um erro em cima de outro erro", reiterando que o tarifaço "infringe seriamente os direitos e interesses legítimos da China" e viola as normas do comércio internacional.

"Se os EUA realmente buscam resolver a questão por meio do diálogo e da negociação, devem demonstrar uma atitude de igualdade, respeito e reciprocidade. Se os Estados Unidos estão determinados a travar uma guerra tarifária ou comercial, a China está pronta para lutar até o fim", afirmou o porta-voz do governo Jinping.

DESASTRE ANUNCIADO

Sob o tarifaço, o maior em um século, bolsas no mundo inteiro foram ao chão, torrando o equiva-

te à metade do PIB da União Europeia, 9,2 trilhões de euros. O maior banco dos EUA, o JP Morgan elevou para 60% a chance de recessão, acompanhada por alta da inflação de 2,8% para 4,4%.

Estimativas conservadoras apresentaram as perdas anuais por família norte-americana em US\$ 2100. Tentando escapar da inflação ou do desabastecimento, norte-americanos começaram a estocar itens básicos. A Apple transportou de emergência cinco aviões cargueiros com iPhones, para fugir da sobretaxa.

Em paralelo, Canadá e União Europeia anunciaram a decretação de sobretaxas às exportações dos EUA. O Canadá promulgou uma taxa de 25% sobre as importações de automóveis dos EUA que não cumpram o Acordo EUA-México Canadá de 2020. Os estados membros da União Europeia votaram para aprovar tarifas retaliatórias sobre US \$ 23 bilhões em mercadorias em resposta às tarifas de 25% de Trump sobre aço e alumínio importados. As tarifas entrarão em vigor em etapas, algumas em 15 de abril e outras em 15 de maio e 1º de dezembro.

Leia mais no site

Senado argentino derrota Milei ao rejeitar seus dois prepostos indicados para Suprema Corte

Tentativa do presidente fascista argentino, Javier Milei, de impor por decreto a nomeação de dois apaniguados para a Suprema Corte foi derrotada no Senado argentino na quinta-feira (3) por ampla margem, com votos do peronismo, da União Cívica Radical, e até do partido do ex-presidente Macri, o PRO, estas duas últimas sendo parte das assim chamadas "forças dialogantes". Nesta sexta-feira (4), Mansilla, um dos rejeitados pelo Senado, nem apareceu no Supremo para dar expediente, apesar de já ter providenciado uma pintura nova para o gabinete que ocupava ilegalmente.

O juiz Ariel Lijo foi rejeitado por 43 votos a 27, e o advogado Manuel García-Mansilla por 51 votos a 20. Uma decisão inédita e, para El País, "um duro golpe nas aspirações" do governo e com "um impacto institucional significativo". Ainda mais, após Milei usar, na descrição do jornal, "todas as cartas que tinha, e todas as que não tinha, para impedir que o Senado se reunisse".

"O Congresso deve dar o consentimento, e os juizes devem ser independentes, porque do contrário eles não têm imparcialidade", afirmou o peronista José Mayans. "Se o presidente puder no-

mear qualquer juiz que quiser, a república acabou", disse ele.

O fato é também auspicioso na medida em que o "libertário" amigo de Trump vinha posando de suposto "reductor da pobreza" na Argentina a golpes de motosserra e cortes dos gastos sociais e arrotando estar com a força.

Milei havia indicado Lijo e García-Mansilla em março do ano passado, mas, sem votos para aprová-los no Congresso, os havia nomeado por decreto agora em fevereiro.

Lijo não pôde assumir o cargo porque o Tribunal rejeitou seu pedido para manter seu cargo como juiz federal. García-Mansilla, que já assumiu o cargo na mais alta corte, agora se defronta com a recusa do Senado, tornando precária sua permanência e a validade de sua atuação.

Minutos após a votação dos senadores, um juiz emitiu uma liminar proibindo García-Mansilla de intervir em casos perante a Corte.

O governo Milei tenta mantê-lo pelo menos até novembro, enquanto a maioria no Senado exige que ele renuncie após a rejeição parlamentar. Pela Constituição Argentina, os cinco juizes do Tribunal são nomeados por acordo do Senado, mediante proposta do Poder Executivo.

Leia mais no site



Manifestações contra o governo se espalharam por mais de mil cidades no sábado (5)

Americanos vão às ruas contra o fascismo de Trump

Entoando "Tire suas mãos!", multidões tomaram as ruas de Washington e de 1.100 cidades dos Estados Unidos neste sábado (5) em repúdio ao fascismo de Trump, contra as perseguições e demissões massivas aplicadas por seu governo.

Citadas pelo site Axios, as centenas de entidades estudantis, feministas e de trabalhadores organizados do evento assinalaram que "estes foram os maiores protestos desde o regresso do republicano à Presidência no final de janeiro".

Um enorme banner com os dizeres "Tire suas mãos!" foi levantado no local ao ar livre a poucas quadras da Casa Branca, com faixas reforçando: "Não é meu presidente". "O fas-

cismo chegou" e "Tire suas mãos da nossa Seguridade Social". Entre os milhares de participantes da capital federal, ativistas de destaque do Partido Democrata, como o deputado Jamie Raskin.

"Trump, Musk e seus comparsas bilionários estão orquestrando um ataque total ao nosso governo, nossa economia e nossos direitos básicos, com a permissão do Congresso em cada etapa do caminho", denunciou o grupo Indivisible.

"Vocês acordaram um gigante adormecido e ainda não viram nada", anunciou o ativista Graylan Hagler, 71 anos, aplaudido pela multidão

concentrada no National Mall, a poucas quadras da Casa Branca. "Não vamos sentar, não vamos calar a boca e não vamos sair", enfatizou.

abalhadora do ramo imobiliário, Jane Ellen Saums, de 66 anos, declarou estar aterrorizada com a campanha de esmagamento do Estado promovido pela administração federal que Trump está realizando de "mãos dadas" com o bilionário Elon Musk em prol dos cartéis privados. "É extremamente preocupante ver o que está acontecendo no nosso governo, tudo está sendo totalmente pisoteado desde o meio ambiente até os direitos pessoais", condenou.

A última vez que houve um tarifaço dessa magnitude foi na década de 1930, com as infames tarifas Smoot-Hawley, que agravaram as consequências da eclosão da Grande Depressão

No que chamou de "Dia da Libertação" dos Estados Unidos, o presidente Donald Trump concretizou na quarta-feira (2) sua ameaça de guerra comercial ao planeta inteiro, estabelecendo uma sobretaxa abrupta e unilateral que começa com 10% sobre as exportações do Brasil, Reino Unido e a maior parte da América Latina. Vai a 20% sobre a União Europeia, 24% sobre a Coreia do Sul, 25% sobre o Japão, 26% sobre a Índia, 34% sobre a China e Vietnã 46%. Além de inacreditáveis 49% sobre os produtos do Camboja.

O que apelidou de "taxação recíproca", já que destinada a se contrapor à suposta – por ele – "exploração" sobre os EUA pelos demais países do mundo e decorrente déficit da balança comercial norte-americana. "Cobramos deles aproximadamente metade do que eles têm cobrado de nós", inventou Trump.

Além das tarifas recíprocas, outras taxas já anunciadas por Trump também passaram a valer nesta quarta-feira (2), como a cobrança de 25% sobre carros importados pelos EUA e as taxas de 25% sobre as exportações do México e Canadá que não se enquadrem no M-E-C (acordo comercial entre os três países).

Como antes Trump já tinha imposto uma sobretaxa de 20%, a pretexto do fentanyl, sobre as exportações chinesas recairá 54%.

A última vez que houve um tarifaço dessa magnitude foi na década de 1930, com as infames tarifas Smoot-Hawley, que ao invés de enfrentar agravaram as consequências da eclosão da Grande Depressão.

Mas, segundo Trump, a guerra tarifária irá gerar uma "era de ouro" nos Estados Unidos, que voltará a se reindustrializar, com as empresas trazendo as fábricas de volta ao país para evitarem as sobretaxas.

"Assinarei uma ordem executiva histórica estabelecendo tarifas recíprocas com países ao redor do mundo. Recíproco significa: eles fazem isso conosco, e nós fazemos isso com eles", declarou ele na Casa Branca. "Este é um dos dias mais importantes, na minha opinião, na história dos Estados Unidos", perorou.

Para Trump, não foram os EUA que impuseram ao planeta sua moeda, o dólar, enfiaram goela abaixo o Consenso de Washington e a globalização, institucionalizaram a farrá do boi dos derivativos e levaram, por iniciativa própria, suas fábricas para o Sul Global, para tirar proveito de salários de fome, em pleno "fim da história", pós-União Soviética. Ao mesmo tempo em que mantinham 800 bases no mundo inteiro, chamavam o mundo de "unipolar", invadiam e pilhavam terra alheia sempre que dava vontade e decretavam sanções como quem masca chiclete.

Recentemente, seu vice, Vance, expressou durante uma reunião com investidores de risco uma compreensão mais verídica sobre o que de fato aconteceu: "A ideia da globalização era que os países ricos subiriam mais na cadeia de valor, enquanto os países pobres fariam coisas mais simples. Você abriria uma caixa de iPhone e diria 'projetado em Cupertino, Califórnia'".

"Agora, a implicação, é claro, é que ele seria fabricado em Shenzhen ou em outro lugar. E, sim, algumas pessoas podem perder seus empregos na fabricação, mas elas poderiam aprender a projetar ou, para usar uma frase muito popular, aprender a codificar".

"Mas acho que erramos. Acontece que as geografias que fazem a fabricação ficaram terrivelmente boas no design das coisas. Existem efeitos de rede, como todos vocês bem entendem."

"As empresas que pro-

jetam produtos trabalham com empresas que fabricam. Elas compartilham propriedade intelectual. Elas compartilham as melhores práticas. E às vezes até compartilham funcionários essenciais."

"Agora, presumimos que outras nações sempre nos seguiriam na cadeia de valor, mas acontece que, à medida que melhoravam na extremidade inferior da cadeia de valor, também começaram a se recuperar na extremidade superior. Fomos espremidos de ambas as extremidades."

Situação descrita pelo titular da Casa Branca como: "nosso país foi saqueado, pilhado, estuprado e roubado" por outras nações.

Ainda segundo Trump, "Os contribuintes foram enganados por mais de 50 anos, mas isso não vai mais acontecer."

Compreensivelmente, Trump em sua análise deixou de fora o "privilégio exorbitante" de que o grande De Gaulle já falava, o de comprar bens de toda a parte com papel impresso (na época), dólares, e agora simplesmente com cliques numa tela de computador, a consequência direta de Bretton Woods e seus desdobramentos na década de 1970. O que não o impede de ameaçar com uma sobretaxa ainda maior quem ousar desdolarizar.

Nem sobre o controle das altas finanças no planeta inteiro detido pelos EUA, o que vai desde o FMI e Banco Mundial, até o cassino de Wall Street e seus rebentos mais recentes, como a BlackRock.

Ou que os EUA são superavitários nos serviços. Ou que, nas transações com o Sul Global, os EUA são favorecidos nos termos de troca.

Ou que Washington acha que pode impor aos mais fracos acordos leoninos, como o apresentado à Ucrânia, para pegar as terras raras, o gás e o petróleo, ou o conjunto das imposições via predomínio sobre o FMI.

Trump ignora tudo isso e reduz a questão aos déficits comerciais dos EUA. "Realmente não aguentamos mais. Há muito tempo os Estados Unidos importam mais produtos do que exportam. Estamos colocando a América em primeiro lugar".

"Vamos começar a ficar inteligentes e vamos começar a ficar muito ricos", prometeu Trump, referindo-se às tarifas recíprocas. Ele chamou o déficit comercial de "emergência nacional" que ameaça a segurança dos EUA.

Se a aposta de Trump vai vingar, fica para ser visto. Mas o planeta inteiro terá de se pronunciar sobre essa guerra tarifária e encontrar os caminhos para manter o desenvolvimento produtivo e limitar o rentismo.

CETICISMO NOS EUA

Segundo uma pesquisa nacional da Marquette Law School Poll, de março, mais da metade dos adultos norte-americanos acredita que as sobretaxas prejudicarão a economia dos EUA e provocarão aumento da inflação.

No geral, 58% dos adultos acreditam que as políticas de Trump aumentarão a inflação, de acordo com a pesquisa. Apenas 28% disseram que as tarifas ajudariam a economia. O índice de aprovação do trabalho de Trump foi de 46%, com 54% de desaprovção. Sua aprovação entre os independentes caiu de 37% em janeiro para 32%.

Segundo a Casa Branca, o chute dessas "tarifas recíprocas" se baseou nas tarifas cobradas pelo outro país, assim como a suposta "manipulação cambial" e as "barreiras comerciais".

"Não há base para as taxas equivalentes a tarifas impostas por outros países. Isso é pura invenção", disse Gary Clyde Hufbauer, membro sênior não residente do Instituto Peterson de Economia Internacional, à Xinhua. Leia a íntegra no site do HP

A origem externa do rentismo

[Este artigo foi originalmente publicado no site da Fundação Maurício Grabois, com o título Conheça a origem externa do rentismo no Brasil. O autor é diretor de redação da Hora do Povo, vice-presidente nacional do PCdoB e membro do Grupo de Pesquisa sobre Problemas e desafios contemporâneos da teoria marxista.]

CARLOS LOPES

Meu amigo, e velho companheiro, Carlos Alberto Pereira, está lançando sua coletânea “**Produção versus Rentismo – Trabalhadores e empresários pela reindustrialização do Brasil**”.

Nada mais oportuno. Em um cenário de desindustrialização do país, em que o parasitismo usurário drena a maior parte da riqueza – sobretudo a riqueza líquida, isto é, em dinheiro – do Brasil, não existe como crescer sem que coloquemos a produção acima do rentismo (ou, pode ser, o rentismo a serviço da produção).

Mas isso quer dizer que, no momento, a produção está a serviço do rentismo – ou, este predomina na política econômica, sem produzir nada, ou como proprietário de parte ponderável da produção.

Entretanto, apesar da aparência, isso ainda não define o que é a essência do “rentismo”.

Na maior parte da mídia, inclusive nos comentaristas críticos ao rentismo, ou “de esquerda”, tem-se a impressão de que o rentismo é um fenômeno **interno** ao país.

Fala-se em “Faria Lima” como sinônimo de rentismo. A “Faria Lima”, evidentemente, é uma avenida de São Paulo, cidade que fica no Brasil.

Agora, como novo cume dessa tendência, procura-se separar a “Faria Lima” da Febraban (que, também, por sinal, fica na Faria Lima) como dois fenômenos – e duas frações de classe – diferentes.

No entanto, o Brasil é um país subordinado ao imperialismo – e, portanto, subordinado ao **rentismo** imperialista. Nosso rentismo é um sub-rentismo. O rentismo interno é um dreno da força de trabalho dos brasileiros em direção ao exterior, basicamente aos EUA e a Wall Street.

Sobretudo quando qualquer pilantra do “mercado” financeiro **daqui** pode se sentar em frente ao computador e jogar com papéis em Nova Iorque ou em Londres.

Muitos – inclusive nós – já datamos o início do rentismo no Brasil a partir da gestão, na Fazenda, de Mailson da Nóbrega, no governo Sarney. De forma ostensiva, é verdade. No entanto, a especulação bancária atual teve origem anterior, com a manipulação da dívida externa pelos bancos internos ou filiais internas de bancos estrangeiros (v. Ary Cesar Minella, **Banqueiros: Organização e poder político no Brasil**, Espaço e Tempo/ANPOCS, 1988).

Posteriormente, a própria dívida externa foi internalizada.

Assim, o rentismo interno é uma consequência da subordinação da economia brasileira à economia imperialista, vale dizer, norte-americana. Esta é a camisa de força de que precisamos nos livrar – tanto no que se refere à produção quanto à economia em geral.

Obviamente, é incompatível o jugo imperialista com o pleno combate ao rentismo. Por isso, movimentos pela produção e pela restrição ao rentismo são tão importantes, pois são uma parte da nossa libertação dos obstáculos externos ao desenvolvimento.

Mas, é possível existir capitalismo sem rentismo dentro do Brasil?

Existe quem diga que não,



pois o rentismo seria o capitalismo atual em qualquer lugar do mundo.

Entretanto, isso ignora a condição de país **dependente** do Brasil.

Já que não temos, hoje, as condições objetivas e subjetivas para passar ao socialismo, isso significaria eternizar a dependência – e, portanto, o rentismo – do país.

Por outro lado, somente podemos criar as condições (objetivas e subjetivas) para passar ao socialismo, através de uma revolução nacional, ou seja, através de instalar a produção, **ainda nos marcos capitalistas**, como instância superior ao rentismo.

Não existe outra forma de chegar ao socialismo, que não seja através de um desenvolvimento do capitalismo nacional e independente.

Mas, então, o que é o domínio imperialista, do qual resulta o rentismo?

Esse domínio – e o consequente rentismo – está inscrito na própria natureza do imperialismo.

Nas palavras de Lenin, em seu **O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo** (1917):

1) “... o imperialismo é, pela sua essência econômica, o capitalismo monopolista”.

2) “... o monopólio é um produto da concentração da produção num grau muito elevado do seu desenvolvimento”.

3) “... os monopólios vieram agudizar a luta pela conquista das mais importantes fontes de matérias-primas”.

4) “... o monopólio surgiu dos bancos, os quais, de modestas empresas intermediárias que eram antes, se transformaram em monopolistas do capital financeiro. Três ou cinco grandes bancos de cada uma das nações capitalistas mais avançadas **realizaram a ‘união pessoal’ do capital industrial e bancário**, e concentraram nas suas mãos somas de milhares e milhares de milhões, que constituem a maior parte dos capitais e dos rendimentos em dinheiro de todo o país. A oligarquia financeira, que tece uma densa rede de relações de dependência entre todas as instituições econômicas e políticas da sociedade burguesa contemporânea sem exceção: tal é a manifestação mais evidente deste monopólio” (grifos nossos).

5) “... o monopólio nasceu da política colonial. Aos numerosos ‘velhos’ motivos da política colonial, o capital financeiro acrescentou a luta pelas fontes de matérias-primas, pela exportação de capitais, pelas ‘esferas de influência’, isto é, as esferas de transações lucrativas, de concessões, de lucros monopolistas, etc., e, finalmente, pelo território econômico em geral.”

No mesmo capítulo de seu livro, diz Lenin:

“Os monopólios, a oligarquia, a tendência para a do-



minação em vez da tendência para a liberdade, a exploração de um número cada vez maior de nações pequenas ou fracas por um punhado de nações riquíssimas ou muito fortes: tudo isto originou os traços distintivos do imperialismo, **que obrigam a qualificação de capitalismo parasitário, ou em estado de decomposição**. Cada vez se manifesta com maior relevo, como uma das tendências do imperialismo, a formação de ‘Estados’ rentiers, de Estados usurários, cuja burguesia vive cada vez mais à custa da exportação de capitais e do ‘corte de cupões’” (grifo nosso).

Reparemos que Lenin está se referindo aos países centrais do imperialismo, não aos países dependentes. Esta foi a base econômica da Revolução Russa, uma revolução em um país imperialista, ainda que atrasado.

Mas será tudo isso válido para um país dependente como o Brasil? Somente em parte. Nesse caso, serve o velho adágio: a nossa miséria é a riqueza deles (em verdade, a riqueza da oligarquia deles, e, somente em parte, da nossa subordinada oligarquia financeira).

Assim, muitos se perguntam por que o juro (básico) é tão baixo nos EUA e tão alto no Brasil. Exatamente porque a taxa de juros básica é tão alta no Brasil, é que pode ser tão baixa nos EUA.

Na História do Brasil, os momentos em que a produção se impôs sobre o rentismo foram, exatamente, aqueles em que a pressão externa teve algum alívio (durante o século XX: a Primeira Guerra Mundial, a crise econômica de 1929 e a Segunda Guerra Mundial).

Isso não quer dizer, obviamente, que o rentismo dessas épocas fosse o mesmo de hoje. Em nenhuma época “rentista” do passado, o Estado brasileiro transferiu o equivalente a R\$ 1 trilhão em juros, aos bancos privados, como no ano passado.

No entanto, o rentismo da época de Campos Sales e seus sequazes também era rentismo, e com semelhantes consequências: a trava na produção e industrialização do país. E estava ligado diretamente à especulação dos Rothschilds sobre a dívida pública brasileira.

Na verdade, em todos os lugares onde se pretendeu restringir o rentismo em benefício da produção, o Estado (o Estado **nacional**) foi o fator fundamental. Mesmo em um país imperialista, como foi o caso dos EUA durante o governo Roosevelt e o New Deal.

Se isso foi verdade em um país central, muito mais é verdade (se assim é possível dizer) em um país periférico, como o Brasil. Não há nisso novidade alguma, pois foi o que fizemos de 1930 em diante, com um esplendoroso resultado.

Tivemos, infelizmente, algumas interrupções nesse processo, dos quais o maior – e mais trágico – foi o golpe de Estado de 1964.

O motivo pelo qual uma economia imperialista central – como a economia dos EUA – torna-se progressivamente mais “financeirizada” já é conhecido há muito tempo: a concentração da produção, de que falava Lenin, leva a uma maior composição orgânica do capital, e, por consequência, como demonstrou Marx em **O Capital**, a uma queda na taxa de lucro.

A “financeirização” (isto é, o rentismo) é uma tentativa de contrarrestar a queda na taxa de lucro. Daí, a moeda, nesses países, e seus sucedâneos (títulos dos mais variados tipos, derivativos, etc.), torna-se **quase** independente (até onde isso é possível) em relação à produção, na tentativa de manter ou aumentar a taxa de lucro **mais ou menos** autonomamente em relação à produção.

É isso o que explica a seguinte aberração:

“De acordo com os boletins estatísticos do BIS, em dezembro de 2023 haveria estoque total de US\$ 667 trilhões aplicados em tais títulos espalhados pelo mundo. Para se ter ideia de comparação, o FMI (Fundo Monetário Internacional) estima o valor do PIB global para o mesmo período, em US\$ 110 tri. Assim, a economia mundial contaria com alavancagem financeira equivalente a 6 vezes o valor da base material da economia real do conjunto dos países do planeta. É importante registrar, além disso, que estas

estatísticas não contabilizam toda a enorme quantidade de capital que opera no sub-mundo das práticas ilegais, a exemplo do tráfico de armas, drogas e minerais valiosos” (v. Paulo Kliass, **Riscos do financismo globalizado**).

Ou, senão: “A BlackRock, gestora de ativos (asset management), administra US\$ 10 trilhões, o orçamento federal dos Estados Unidos é de US\$ 6 trilhões. Se somarmos duas empresas de mesmo perfil, State Street e Vanguard, chegamos a US\$ 20 trilhões, perto do valor do PIB americano. O PIB mundial é da ordem de US\$ 100 trilhões, mas o volume de transações no mercado de derivativos ultrapassa US\$ 600 trilhões” (v. Eduardo M. Rodrigues e Ladislau Dowbor, **Quem controla a economia brasileira**, Outraspalavras, 21/12/2023).

Evidentemente, essa delirante e alucinada alavancagem financeira não dispensa o valor real, isto é, a base material da economia. Pelo contrário, ela **submete** a base material ao financismo. Mas trata-se de um extraordinário e inédito, na história (e, especialmente, na história do capitalismo), descolamento entre uma e outra – e isso é o rentismo e a “financeirização”.

Se isso é verdade até em seus próprios países – isto é, nos países centrais do imperialismo – muito mais é, e muito mais violento é, nos países periféricos.

Aqui é necessário algum olhar sobre o passado, isto é, sobre a experiência histórica dos países periféricos.

Não há dúvida de que, apesar da base de massas do nacional-desenvolvimentismo ter sido constituída principalmente pelos trabalhadores, o elemento decisivo, que, inclusive, conformou os demais termos da aliança, foi o Estado nacional.

Por este motivo, a face sempre lembrada desse período é a do presidente Getúlio Vargas. Hoje, existe quem argumente que o empresariado – isto é, a burguesia – não existe mais, tal como existia naquela época, portanto, o nacional-desenvolvimentismo seria, nos tempos atuais, impossível. Resta saber o que seria possível...

Mas é evidente o que há de falacioso nesse argumento: o nacional-desenvolvimentismo expressa interesses sobretudo dos trabalhadores. É nessa medida que ele interessa também ao empresariado. Exceto

A Bolsa de Nova Iorque em Wall Street (foto: NY)

se os trabalhadores deixassem de existir, o argumento peca por alicerçar a possibilidade do desenvolvimento nacional apenas no empresariado.

É verdade que o empresariado atual (estamos nos referindo ao empresariado **produtivo**) não é o mesmo da época de Getúlio. É verdade que, durante a ditadura, apesar do II PND, o empresariado **nacional** perdeu significação, e sobretudo depois, com o neoliberalismo de Collor e Fernando Henrique, do qual ainda não saímos.

Mas não é isso o que determina o destino da contradição entre produção e rentismo. Evidentemente, ninguém jamais pretendeu uma economia capitalista onde não houvesse qualquer financiamento ou atividade bancária.

O problema nosso é que as barreiras estatais ao rentismo (inclusive a maioria dos bancos estatais) foram derrubadas.

Hoje, o próprio Estado foi capturado pelo rentismo. É o que explica a quantidade de juros (R\$ 1 trilhão em um ano!) em dinheiro público, drenada, do Estado para o setor rentista.

Mas esse, exatamente, não é um Estado nacional. Esse papel de dreno corresponde a um Estado colonial, não importa quão sofisticado ele pareça, com instituições tão solenes (e ridículas) quanto esse Banco Central “independente” apenas da nossa Nação.

O rentismo, portanto, existe como função desse Estado colonial – que, por sua vez, é uma filial do Estado imperialista, do Estado externo ao Brasil, basicamente do Estado norte-americano e outros menores ou assemelhados.

Portanto, a nossa questão, para libertar o país do rentismo, é, precisamente, recuperar ou reconstruir o Estado nacional, que foi avacalhado (desculpem-nos o termo) sobretudo durante os anos do neoliberalismo.

Aliás, o neoliberalismo é, em síntese, exatamente, a avacalhado do Estado nacional.

O que acontecerá depois de recuperarmos o Estado nacional – se iremos para o socialismo ou se iremos até um imperialismo brasileiro, ou, mesmo, se vamos regredir outra vez ao rentismo – é uma questão que veremos depois.

Seja como for, hoje, que estamos sufocados pelo rentismo, é uma questão ociosa.